

*Para enfrentar estes tempos brabos que andam por aí, é preciso contar com a união de de todas forças e superar os problemas econômicos enfrentados por todo setor agropecuário. A integração do sistema cooperativista é a forma de baratear custos e falar uma linguagem comum, adotando um novo comportamento e lutando pelo atendimento das reais necessidades dos produtores associados. Algumas decisões começam a aparecer, traduzidas em resultados concretos de um seminário que reuniu dirigentes cooperativistas do Rio Grande do Sul.*

## UMA NOVA ATITUDE EM TEMPO DE CRISE

Página Central

**SUBSÍDIO  
MENOR  
AUMENTA  
O CUSTO  
DO CRÉDITO**

Página 4

**COTRIJUÍ:  
CAPITAL  
CORRIGIDO  
SE APROXIMA  
DO PATRIMÔNIO**

Página 3

**SINDICATOS  
ORGANIZAM  
OUTRA VEZ  
A LUTA DA  
PREVIDÊNCIA**

Última página

**COOPERATIVA REGIONAL  
TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO**

**Diretoria Executiva**  
Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

**Diretores Contratados:**

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

**Conselheiros (Efetivos)**

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

**Conselheiros (Suplentes)**

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

**Conselho Fiscal (Efetivos)**

Antônio Bandeira, Rui Adelino Raguzzani, João Telló.

**Conselho Fiscal (Suplentes)**

Jose Carlos Vione, Antoninho Boiarski Lopes, Mário Hendges.

**Capacidade em Armazenagem:**

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

**REDAÇÃO**

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**Ao leitor**

A integração efetiva do sistema cooperativista, há tanto tempo pregada por algumas lideranças, começa agora a dar de verdade os seus primeiros passos. Em parte porque a crise financeira internacional — e especialmente a situação brasileira — está pegando todo mundo meio parêlo (deixando, é claro, para o setor agropecuário um dos mais pesados fardos) e em parte porque uma nova mentalidade tem sido formada com o passar dos anos, e as próprias lideranças cooperativistas passam a assumir um novo comportamento. Esta integração começa a se tornar realidade através de uma idéia bastante simples, e que atinge uma área de vital importância para o quadro social das cooperativas: a comercialização do seu produto.

Comercializando bem, e conseguindo os mais atrativos preços que o mercado possa pagar, se consegue a melhor remuneração pelo trabalho do produtor. A idéia se resume em comercializar conjuntamente as safras, especialmente a de soja, mantendo uma espécie de central de informações sobre o mercado diário. Antes de fechar qualquer negócio, as cooperativas consultam a central para saber se existe alguma oferta melhor.

Esta operação, além da redução de custos e garantia de melhores preços, irá representar uma nova fase na vida do sistema cooperativista gaúcho. É uma nova atitude, um novo comportamento, que deixa para o passado interesses regionais para contemplar as necessidades reais do grande número de produtores associados às cooperativas em todo Rio Grande do Sul. Oxalá este seja o primeiro passo de uma caminhada conjunta e coesa, pois assim fica mais fácil superar a situação de dificuldades que se vive no meio rural. Veja matéria sobre o assunto na página central desta edição.

Para quem convive desde 1979 com periódicas mudanças na política de crédito agrícola, as últimas alterações nesta área não são de surpreender nem um pouco. Agora, seguindo uma orientação direta do FMI (Fundo Monetário Internacional) — a quem o país recorreu no mês de novembro para superar o problema de fechamento das contas — o Governo retirou mais

um pouco do subsídio ao crédito, encarecendo assim as taxas de juro dos financiamentos agrícolas. Enquanto ainda várias lideranças do setor rural discutem os reais benefícios do crédito, os produtores começam a fazer suas contas para analisar o custo do dinheiro que precisarão pedir emprestado para fazer suas lavouras. Muitos, seguramente, desistirão dos financiamentos, mas com toda descapitalização que existe no setor agropecuário, já se teme pelos reflexos que isto possa trazer na produtividade das safras. As novas mudanças no crédito são o tema da matéria que está na página 4.

A transferência de todo patrimônio da cooperativa para o nome dos seus verdadeiros donos — os associados — é uma medida que vem sendo adotada apenas em quatro cooperativas gaúchas. Uma delas é a Cotrijuí, que já pelo quarto ano vem efetuando este sistema, através da correção do valor da cota-capital de cada associado. A última correção aconteceu agora, no final de 82, através da aplicação de um índice de 77 por cento sobre os valores constantes até o dia 31 de dezembro. Este percentual representa 80 por cento da variação das ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), e eleva para 47 por cento a proporção de capital corrigido que cada associado têm na cooperativa. Dentro de pouco tempo, coisa de quatro ou cinco anos, o patrimônio da Cotrijuí estará todo efetivamente nominado entre seus associados, com a equivalência do capital e os bens da Cooperativa, incluindo prédios, máquinas, equipamentos, veículos, etc. A mecânica desta correção é lembrada na matéria que está aí ao lado, na página 3.

A principal luta que o movimento sindical gaúcho — e até mesmo brasileiro — deverá levar a frente no decorrer de 1983 será a conquista de maiores direitos para o agricultor na área da Previdência. Isto é o que se conta na matéria que está na última página, apresentando as principais decisões do último encontro estadual de dirigentes sindicais promovido pela Fetag. A forma de encaixar a luta e as principais reivindicações também são apontadas nesta edição.

**Do leitor**

**AGRICULTURA BIOLÓGICA**

Li a reportagem publicada no Cotrijornal n° 99, de outubro de 1982, nas páginas 10 e 11, sob o seguinte título: "Agricultura Biológica, um novo comportamento a favor da vida". Sendo estudante de agronomia, e um grande interessado em agricultura biológica, gostaria, se fosse possível, que o Cotrijornal pudesse me remeter o endereço do senhor Ralf Rickli e do Centro Brasileiro para Agricultura Biodinâmica, para posteriores contatos.

Desde já agradeço a colaboração, aproveitando a oportunidade para parabenizar o Cotrijornal pela brilhante reportagem que abordou este assunto tão esquecido e combatido por força de interesses maiores.

Carlos Henrique de Azevedo Oliveira  
Brasília, DF

**SEM CAIXA POSTAL**

Estive ausente do país por vários meses, e ao regressar encontrei minha Caixa Postal 2711 com outro usuário e, em consequência, não recebi os últimos três números de sua valiosa publicação. Por esse motivo, solicito o favor de continuar enviando regularmente a publicação para o endereço abaixo, pelo que antecipo agradecimentos.

Newton Martins de Alencar

Av. Heitor Penteado, 1310  
São Paulo, SP

**COLABORAÇÃO**

Durante todo ano de 1982, a indispensável colaboração que foi prestada ao Governo por seu jornal permitiu que a Agricultura atingisse novamente sua meta: aumentar a safra, permitindo que o abastecimento interno fosse regular e gerando excedentes para exportação, o que nos dará mais equilíbrio na balança comercial. Para conseguir chegar a este ponto, contamos com colaboradores como V. Sa., que através do seu jornal levou ao homem do campo todas as informações que lhe eram necessárias para produzir melhor. Tenha a certeza de que essa colaboração nos é essencial. E somos profundamente gratos pela demonstração de patriotismo de V. Sa., fazendo com que mais pessoas conheçam mais fórmulas de produzir melhor. Esperamos que em 83, a par de um crescente sucesso de sua empresa, continuemos juntos nesse esforço comum: dinamizar ainda mais a agricultura brasileira, retomando à nossa histórica vocação de país agrícola.

Coordenadoria de Comunicação Social  
Ministério da Agricultura  
Brasília, DF

Agradecemos e retribuimos as mensagens recebidas pelo Cotrijornal saudando a passagem do Natal e entrada do ano novo, enviadas por: Vasp; Gimic Publicidade; Faculdades Metropolitanas Unidas; Faculdades Integradas Alcântara Machado; Faculdade de Artes Alcântara Machado; N. Ferreira Publicidade; Departamento de Recursos Naturais Renováveis, da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul; Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul; Lás Santista; Outono Propaganda Ltda.; Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri (Coopervale); Sementes Agroceres; Novotel; Associação Nacional para Difusão de Adubos; Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos; Associação Brasileira de Revistas e Jornais de Emprego; ministro do Trabalho, Murillo Macedo; secretário Extraordinário do Governo do Rio Grande do Sul, Roberto Eduardo Xavier; Alumínio Alcoa; deputado Nelson Marchezan; vereador Valmir Beck da Rosa; Honorato Pasquali, comunidade universitária da Fidene; professor Roque Lauschner, do Cedope, Unisinos; Camping Clube do Brasil; Museu Antropológico Diretor Pestana; Alpes Representação de Jornais e Emissoras Ltda.; Salles Interamericana de Publicidade; Arlindo Kommers e família.



# O CAPITAL MAIS PERTO DO NOSSO PATRIMÔNIO

O associado que se interessar e dar uma olhada no valor de sua conta-capital terá uma boa surpresa ao conferir os números. É que além da quantia que capitalizou este ano — através do desconto no produto comercializado — ele vai encontrar o seu capital corrigido, como já vem acontecendo na Cotrijuf desde o exercício de 1979, quando foi introduzido o sistema de correção e nominação do capital dos associados na Cooperativa.

A correção, que foi creditada no dia 31 de dezembro, alcançou a média de 77 por cento. Este índice representa 80 por cento da variação da ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), que vem sendo tomada por base para este reajuste anual. Foi o Conselho de Administração quem decidiu esta forma de correção, que também é adotada de maneira semelhante em apenas outras três cooperativas gaúchas.

A intenção de corrigir o capital é permitir que o patrimônio da cooperativa fique realmente em nome de quem é seu verdadeiro dono, os associados. O jeito de isto acontecer de fato, e não apenas de direito, aparece apenas quando o capital social tem um valor igual ao do patrimônio em que se investiu (os prédios, as máquinas, os equipamentos, etc). A correção se faz necessária pois se vive num processo econômico em que existe inflação, e se tal medida não fosse adotada, cada vez mais se distanciariam os valores da conta capital dos associados em relação ao valor que alcança este patrimônio.

## QUATRO ANOS DE CORREÇÃO

Em 1979, quando foi iniciado este processo, a capitalização real dos associados da Cotrijuf era de Cr\$ 151 milhões de cruzeiros. A correção calculada naquele período representou Cr\$ 35 milhões, que

somada à capitalização real elevava a conta-capital para Cr\$ 186 milhões. Proporcionalmente, 82 por cento deste valor era de capital real — dinheiro que efetivamente foi recolhido como capitalização — enquanto 18 por cento eram de correção.

Já em 1980 o capital real passou a Cr\$ 346 milhões, e as correções chegaram a Cr\$ 93 milhões. Desta forma, 22 por cento do capital eram provenientes da correção. Em 1981, o capital real passou para Cr\$ 898 milhões, e foi efetuada uma correção de Cr\$ 429 milhões. A estas alturas, o capital real representava 68 por cento do total, e a correção 32 por cento.

Com esta última correção, referente ao exercício de 1982, se encontrou o capital real em Cr\$ 1 bilhão e 610 mil, e as correções alcançaram Cr\$ 1 bilhão e 203 mil. A proporção ficou em 57 por cento de capital real para 43 por cento de correções.

## CAPITALIZAÇÃO PRÓPRIA

Já no ano que vem, como salienta o diretor financeiro e administrativo da Cotrijuf, Oswaldo Meotti, "nós teremos, no somatório da capitalização do associado, uma correção superior à capitalização, o que irá permitir que a cooperativa tenha sua capitalização própria". E o desejável, segundo ele, é que as cooperativas realmente tenham de capital próprio pelo menos aquilo que necessitam para investir em ativo fixo (construção de prédios, de armazéns, veículos, etc). Fala Meotti:

— Oxalá se tenha também, futuramente, capital de giro, para a liquidação da safra. Pelo menos eu diria que a médio prazo, dentro de uns quatro ou cinco anos, tenhamos capital próprio para cobrir o ativo

fixo da Cotrijuf, que hoje supera um pouco os Cr\$ 9 bilhões.

A correção do capital é feita sobre o valor do último saldo que o associado tenha em sua conta capital. Se no dia 31 de dezembro, por exemplo, sua conta capital estava em Cr\$ 10 mil, ela amanheceu no dia primeiro de janeiro de 83 no valor de Cr\$ 17.700,00. Para tornar mais fácil o entendimento de como tem ficado esta correção desde 1979, Meotti toma um exemplo de uma conta-capital que tivesse o valor de Cr\$ 1.000,00 em 1978.

Em 1979, com uma correção de 70 por cento, esta conta passou para Cr\$ 1.700,00, sendo Cr\$ . . . . 1.000,00 de capital real e Cr\$ . . . . 700,00 de correção. Em 1980, supondo que não tenha acontecido nenhuma integralização (e isto só para facilitar os cálculos), os Cr\$ . . 1.700,00 corrigidos passam para Cr\$ 3.190,00; em 81, para Cr\$ . . . 5.300,00 e em 82 para Cr\$ . . . . . 8.800,00, sempre considerando uma correção de 70 por cento, tanto sobre o capital real como sobre a parcela de correção.

## A RETIRADA

Desde que foi introduzido o sistema de correção do capital, também foram definidas as formas de retirada deste capital de dentro da cooperativa. Por decisão do Conselho, a retirada só pode acontecer no mesmo período de tempo que o associado levou para fazer a integralização. Se a conta-capital foi formada pelo período de cinco anos, o associado levará também cinco anos para fazer as retiradas, sempre contando com correção sobre o saldo que permanece na sua conta. Em casos de morte do associado, a família tem este capital como um pecúlio, que pode ser retirado de uma única vez.

## A redução nos lucros da soja

Para cada Cr\$ 1,00 que o produtor de soja investia em 1974, ele faturava Cr\$ 1,58, alcançando assim, pelo menos teoricamente, um lucro de Cr\$ 0,58 para cada Cr\$ . . . 1,00 empregado. Agora, em 1983, para cada Cr\$ 1,00 investido, o produtor irá faturar somente Cr\$ . . 1,01, chegando a um lucro de apenas Cr\$ 0,01 para cada Cr\$ 1,00 utilizado.

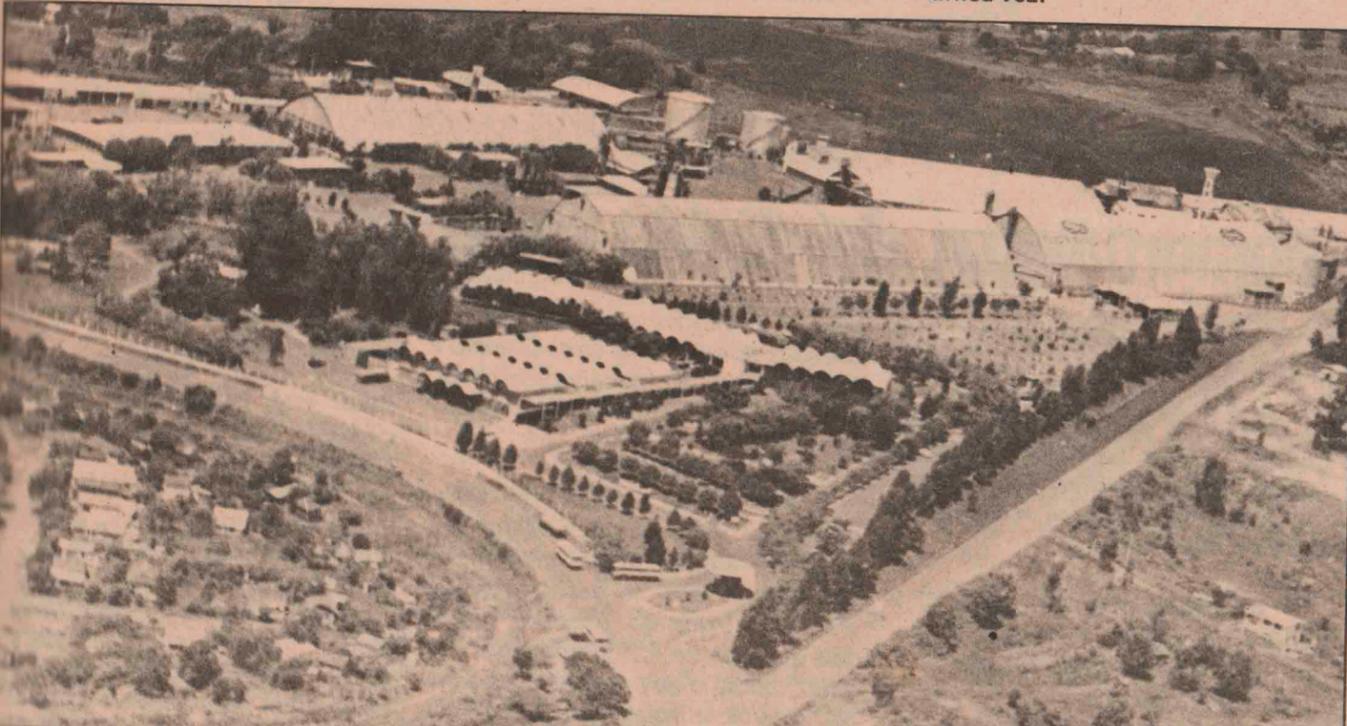
Estes números estão no boletim número 9 da CRIAEC (Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas, da Fidene), que analisa a questão da formação do profissional agropecuário (técnicos, agrônomos e veterinários). Além de falar especificamente deste assunto, são apresentados vários dados sobre a situação econômica dos produtores de soja, classificada de "cada vez pior". Este quadro, de acordo com a análise, é resultante de três variáveis: produtividade, custos e preços de venda "todas elas necessitando de bons conhecimentos administrativos".

Em termos monetários, por exemplo, o custo da produção e o valor das vendas da soja tiveram um aumento gradativo, porém não com o mesmo percentual. Enquanto o custo por hectare aumentou 8.436,2 por cento entre 1974 e 1983, o valor da soja sofreu um aumento de 5.364,5 por cento no mesmo período. Outros dados mostram que em 1974 o percentual de lucro sobre o custo de produção foi de 59,14 por cento, superior inclusive ao que prega o Estatuto da Terra (30 por cento). Mas em 1983, as projeções indicam que o lucro mal e mal ficará em 1,19 por cento.

## CAPACITAÇÃO

Numa análise de 10 anos, o percentual de lucro sobre o custo chega apenas a 7,84 por cento. Isto porque se considera que os gastos totais com a produção de um hectare de soja durante estes 10 anos chegam a Cr\$ 177.368,10, enquanto o valor da venda da produção neste mesmo período — considerando uma produtividade média de 1.388 quilos por hectare — alcança Cr\$ 191.277,14.

Na conclusão deste estudo, o boletim fala que a situação poderia estar "menos ruim ou pouco melhor se o agropecuarista tivesse uma boa capacidade administrativa, uma visão para longo prazo de seu empreendimento — através de um volume de informações corretas, selecionadas, em tempo hábil — e, o principal, que tivesse melhorada sensivelmente sua capacidade de análise destas informações: de maneira a tomar a melhor decisão possível. A sua capacitação é que lhe dará melhores condições para enfrentar esta situação".



A previsão é que dentro de quatro ou cinco anos, o capital próprio cubra o valor do patrimônio da Cotrijuf

# CRÉDITO: O DEDO DO FMI NO NOVO CORTE DOS SUBSÍDIOS



Nunca tanta gente acertou em cheio numa previsão, como aconteceu no final de 82, quando se especulou que haveria um novo e grande corte nos subsídios à agricultura, a partir de 83. A medida estava na gaveta dos ministros da área econômica há um bocadinho de tempo, e não representa, afinal, uma surpresa, pois todo o ano o crédito subsidiado vem sendo reduzido. A diferença agora é que a decisão tem o dedo do FMI, o Fundo Monetário Internacional, a quem o Brasil teve de recorrer para não perder o controle sobre sua dívida externa.

O corte no subsídio ao crédito, especialmente de custeio (veja ao lado), foi decidido na reunião que o Conselho Monetário Nacional realizou no dia 16 de dezembro em Brasília. Neste encontro, foram definidas as medidas da política econômica para 83, quando o governo resolveu mexer em quase tudo que é área, cortando gastos das empresas estatais e criando mecanismos que vão desvalorizar ainda mais o cruzeiro, tentar aumentar as exportações e deixar mais caros os alimentos.

É dessa forma, com diminuição nos gastos do governo e arrocho na economia, que o governo vai cumprir as determinações do FMI, que impôs todas essas condições (veja Cotrijornal de dezembro) para liberar um empréstimo de 4 bilhões e meio de dólares. Entre todas as decisões, a que teve maior repercussão foi, sem dúvida, a que implicou no encarecimento do crédito ao produtor, através não só do aumento do juro de custeio para 60 por cento, como na redução das parcelas dos financiamentos concedidas a esta taxa.

#### COMO COMPENSAR?

O governo tem um argumento, segundo o ministro Amaury Stábile, para dizer que esta alteração terá compensações. Entre as formas capazes de compensar o agricultor — diz ele — estarão o maior volume de recursos que será destinado ao setor rural, e a expectativa de que os produtos serão melhor remunerados. O volume de dinheiro deverá realmente ser maior, com uma aplicação prevista de 7,4 trilhões de cruzeiros em 1983, contra os 4 trilhões liberados como financiamentos em 82.

Mas quem garante que o agricul-

tor terá uma melhor remuneração pelo que produzir? As estatísticas dos últimos anos apontam em outra direção, mostrando que, ao mesmo tempo em que o produtor vem recebendo menos, o consumidor vai tendo menor poder aquisitivo de compra. Como, então, esperar uma melhor remuneração ao agricultor, se quem consome não tem condições de acesso a alimentos considerados elementares, como o leite?

As decisões do governo permitem também, segundo os especialistas e os próprios produtores e dirigentes de cooperativas, outras especulações. Com a redução nas parcelas de crédito subsidiado, quem se aterrorizará a buscar na rede privada de bancos os recursos necessários para complementar o custeio da lavoura, se os juros, nestes casos, giram em torno de 100 por cento ou mais? Assim é que se prevê que, com uma lavoura mal preparada, a produtividade deverá cair, e os retornos ao produtor serão ainda menores.

#### REDE PRIVADA

O Conselho Monetário também decidiu que os bancos privados vão destinar mais recursos à agricultura. Os bancos comerciais devem ampliar de 25 para 35 por cento suas aplicações, com base no movimento de depósitos à vista. Os bancos de investimentos, por sua vez, também aumentam de cinco para 10 por cento suas aplicações, para que o Banco do Brasil não centralize a liberação de financiamentos. A Caixa Econômica Federal, por exemplo, deverá ter uma expressiva participação nos empréstimos para investimentos, com a aplicação de Cr\$ 300 bilhões.

A execução das mudanças foi esmiuçada na resolução 783, que trata do crédito rural. Esta resolução que fixa normas para os financiamentos de custeio e investimentos, ainda anuncia que, a partir de 83, fica também mais caro o juro cobrado após o vencimento dos contratos. Até o final de 1982, este juro era de seis por cento, mais correção monetária, agora salta para 8 por cento mais correção, que é baseada nas variações das ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). Numa previsão por cima, é possível que a taxa de mora fique perto dos 100 por cento ao ano em 83.

## O compromisso da dívida externa

Todas as decisões que irão archar a economia nacional durante este ano, e possivelmente até 1985, foram tomadas porque o Brasil chegou ao final de 82, na rapa do tacho para saldar seus compromissos. É por causa desta dívida externa, que comprometeu, entre outras coisas, a conta do crédito para a agricultura, que as autoridades brasileiras recorreram ao FMI e, depois, a mais de 100 banqueiros, em busca de mais recursos.

Em dezembro, depois de acertado o empréstimo de 4,5 bilhões de dólares com o FMI, os representantes de bancos que são credores de 90 por

cento da dívida do Brasil ouviram os ministros Delfim Netto, do Planejamento, e Ernane Galvêas, da Fazenda, e mais o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, em Nova Iorque. Eles foram dizer aos banqueiros que o país pode se recuperar, e pediram mais dinheiro.

As negociações envolvem 17,7 bilhões de dólares, e deixam os donos dos bancos meio apreensivos, porque o Brasil tem uma dívida de quase 90 bilhões de dólares. O mais importante é que as autoridades não só pediram novos financiamentos, como solicitaram maior prazo para

pagar 4,7 bilhões que deveriam ser saldados durante este ano. O apelo é para que este débito seja prorrogado para pagamento durante cinco anos.

#### "ROLANDO"

Mesmo que estejam não muito confiantes nas promessas de que a situação brasileira pode melhorar, é quase certo que os banqueiros vão emprestar mais ao Brasil e aceitar que a dívida de 4,7 bilhões seja "rolada", como dizem alguns economistas. Outros, afirmam que "rolar" significa renegociar a dívida, ou seja, simplesmente pedir maior prazo para pagamento de um débito que o país

não consegue saldar na época determinada.

"Rolando" ou renegociando, Brasil está, de qualquer forma, em situação difícil, mesmo que com os empréstimos novos. Os bancos não deixariam de conceder mais dinheiro, porque, afinal, eles são os credores da maior parte da dívida assumida. Não conceder mais recursos seria o mesmo que decretar a "lênia" do cliente. Fica difícil de prever, segundo os entendidos, quando o Brasil poderia, enfim, equilibrar suas contas, e não mais depender de um empréstimo para pagar outro, como vem ocorrendo nos últimos anos.

## Custeio: juro mais alto e cobertura menor

Quase todas as previsões feitas a respeito das mudanças no crédito rural para custeio foram confirmadas. Estas alterações não mexem apenas na taxa de juro e na redução das parcelas do crédito subsidiado a que têm direito os produtores. A partir deste ano, não mais há três categorias de agricultores, mas quatro: os minis, os pequenos, os médios e os grandes. Aí a principal modificação está no fato de que o mini passa a ser uma categoria própria, não mais vinculada aos pequenos, para fins de custeio.

Para os minis, o custeio a juro de 60 por cento cobrirá 100 por cento do VBC. Para os pequenos, o crédito a esta taxa cobrirá 90 por cento; para os médios, 60 por cento, e para os grandes, 40 por cento. Para todas as categorias, com exceção do mini produtor, há uma redução de 10 pontos percentuais no volume de recursos a juros subsidiados, em relação ao total que vinha sendo concedido até então.

Esta taxa de 60 por cento — que substitui a cobrada até o ano passado, de 45 por cento — é calculada sobre o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor), que também serve de referência para reajuste dos preços mínimos dos produtos, para cálculos de aumentos salariais dos trabalhadores e até para reajuste dos aluguéis. O governo espera, desta forma, fazer com que os juros oscilem de acordo com o INPC, para que as taxas sejam atualizadas.

### SEMESTRAL

Por isso é que estes 60 por cento são válidos somente para os primeiros seis meses de 1983, pois as taxas sofrerão correções a cada início de semestre. Em julho, portanto, será fixada uma nova taxa, que terá validade quando forem tomados os financiamentos para as lavouras de verão. E em quanto poderá ficar o juro de custeio? Como houve mudanças na política econômica, que deverão implicar na redução da inflação, é

possível que o INPC também tenha índices mensais mais baixos durante 1983.

O que se prevê é que, na hora de refazer os cálculos para fixar o juro do segundo semestre, a taxa acabe ficando, com pequena variação, em torno dos mesmos 60 por cento. Esta prática é totalmente nova, porque a agricultura continua com parte dos financiamentos a juros tabelados, mas dependendo das oscilações do tal de INPC, que é fixado mensalmente.

Só não se sabe se estas novas normas terão uma vida pelo menos um pouquinho mais longa que as últimas instruções da política oficial para o crédito rural, que ano a ano tem apresentado mudanças. Se as novas medidas obtiverem boa resposta, no entendimento das autoridades, talvez sejam mantidas ou aperfeiçoadas. O aperfeiçoamento, neste caso, tem se traduzido, anualmente, na retirada gradual do cada vez mais minúsculo subsídio à agricultura.



A promessa deixa mais otimistas quem deseja comprar e quem procura vender máquinas em 1983

## Investimento: promessa de maiores aplicações

Na área de investimentos, as mudanças nos critérios para liberação dos financiamentos não foram muito significativas, e a novidade mesmo está no fato de que se anuncia um ano com menos aperto de crédito nesta faixa. O governo pretende destinar Cr\$ 283 bilhões e 100 milhões para investimentos em 83. Se isso ocorrer, esta área terá este ano um crescimento de uns 70 por cento nas aplicações, contra cerca de 50 por cento da expansão de crédito registrada em 82.

Os investimentos de até 100 MVR (Maior Valor de Referência), que ficam em torno de Cr\$ 1 milhão e 120 mil, terão juros de 60 por cento. Neste caso, os produtores continuarão recebendo as mesmas parcelas que vinham tendo até agora a crédito subsidiado, ou seja, os minis e pequenos pagarão 100 por cento do finan-

ciamento a juro de 60 por cento; os médios 70 por cento; e os grandes, 50 por cento.

Os investimentos que tenham valor superior a 100 MVR, como as máquinas pesadas, ficam com maior juro, como também já vinha ocorrendo. Só que até agora esta taxa era de 73,8 por cento, e em 1983 passa a ser calculada nas seguintes bases: um fixo de 8 por cento, mais correção monetária. O que se prevê é que a taxa ficará então em torno de uns 80 por cento, pois o governo pretende fechar o ano com uma inflação de 70 por cento, e a correção monetária corre mais ou menos parêlha com os índices da inflação.

Esta taxa, com um fixo de 8 por cento mais correção monetária, será válida também para cobrir as parcelas dos financiamentos não amparadas pelo crédito subsidiado. No

ano passado, deveria ter acontecido a mesma coisa, com o juro de 73,8 por cento cobrindo as parcelas a descoberto, mas isso não ocorreu em muitos casos. O Banco do Brasil não tinha recursos para operar nesta faixa, como muitos produtores constataram na Região Pioneira, ao entrar na fila do crédito para investimentos.

Esta é, aliás, a grande preocupação para 1983: será que vão, de fato, existir recursos para a compra de máquinas e implementos? A promessa de que o dinheiro não será tão escasso como em 82 deixa mais otimistas não só quem há muito tempo está disposto a comprar, mas também quem não vem conseguindo vender. As indústrias de máquinas enfrentaram uma grave crise em 82, em função da retração na demanda, na falta de compradores, porque não havia recursos para financiamentos.

## As medidas e consequências

A gasolina, o óleo diesel, o óleo combustível e os alimentos estarão mais caros em 1983. Esta é uma das consequências previstas para as medidas adotadas pelo Conselho Monetário Nacional, e que abrangem várias áreas da economia brasileira. As decisões, além da que reduz os subsídios à agricultura, podem ser assim sintetizadas:

### ● SUBSÍDIOS

Serão extintos gradualmente todos os subsídios concedidos pelo governo, e aí se inclui os que são dados diretamente ao consumidor, na forma de produtos mais baratos. Assim, o açúcar e a farinha de trigo, que são subsidiados, estarão mais caros. Também os derivados do petróleo ficarão com "preços reais", pois o governo pretende deixar de lado qualquer mecanismo que barateie estes produtos ao consumidor.

### ● CAMBIO

O cruzeiro sofrerá este ano uma maior desvalorização, em relação ao dólar. As desvalorizações acontecerão, como ocorre agora, aos poucos, mas com índices mais elevados. O dólar será atualizado com base na inflação, ou seja, com um por cento acima dos índices inflacionários. Esta medida fará com que o cruzeiro esteja, ao final do ano, desvalorizado 12,7 por cento acima da inflação. A mudança favorece quem exporta e, ao mesmo tempo, deixa mais caros os produtos importados.

### ● ESTATAIS

Serão cortados os gastos das empresas estatais, que são os grupos controlados pelo governo. Os cortes atingem investimentos e também custeio, o que quer dizer que serão menores as despesas administrativas, os gastos com pessoal. As estatais são apontadas como uns dos puxadores da inflação. Com os cortes, haverá, entre outras coisas, menos emprego, pois estes grupos absorvem boa quantidade de mão-de-obra na execução de seus projetos.

### ● EXPORTAÇÕES

Há preocupação com o aumento das exportações, para que a balança comercial seja menos desequilibrada. Até o BNH (Banco Nacional da Habitação) participará mais deste esforço, destinando parte de seus recursos ao Banco Central, para que este financie exportações. Outras medidas, que beneficiem os exportadores, deverão também ser adotadas durante o ano.

### ● CRÉDITO

Na reunião de dezembro o CMN adotou medidas mais rotineiras, relacionadas com a expansão dos meios de pagamento (dinheiro nos bancos). Numa outra reunião, realizada dia 11 de janeiro, foram adotadas ainda outras medidas — de eficiência discutida pelos empresários nacionais da indústria e do comércio — para reduzir as taxas de juro do mercado. Especificamente na área da agricultura, operacionalizou normas para o crédito rural, determinando que o valor total das aplicações dos bancos nesta área não poderá exceder o total dos depósitos à vista. Na verdade a queda dos juros, como estas novas orientações, não alcançará percentuais muito significativos. Estavam sendo ainda prometidas outras mudanças, especialmente nos reajustes de salários para os trabalhadores. Mas alterações mais profundas só devem aparecer com uma nova política monetária e fiscal.

## Um jeito fácil de irrigar: por gotejamento

Alguns "porongos" ou latas de óleo em desuso e prontas para serem jogadas no lixo, podem ser aproveitadas na propriedade, na irrigação de árvores ou plantas de horta, como o pepino, o melão, a abóbora, a melancia ou o tomate. Pela irrigação "por gotejamento" a água sai do porongo ou da lata que fica enterrada ao pé da planta e chega até a raiz sem alagar a superfície do solo.

A irrigação por gotejamento não é nenhuma novidade, mas mesmo assim vem despertando o interesse pelo fato de ser pouco conhecida na região. Algumas experiências em frutíferas estão sendo feitas no Centro de Treinamento da Cotrijuí (CTC), em Augusto Pestana, com excelentes resultados. O agrônomo Hélio Ito Polhmann, justifica o uso de qualquer tipo de irrigação, quer seja por aspersão, por inundação, infiltração ou gotejamento, pelo fato de que não se pode perder a estação de crescimento de uma planta, principalmente de uma árvore, por causa da falta de chuva. "Sol e umidade são dois fatores essenciais para o desenvolvimento de qualquer planta, mas quando a chuva não é suficiente, é preciso apelar para irrigação".

### LENTAMENTE

O vasilhame, quer seja porongo ou lata, é enterrado junto ao pé da planta, com um furinho na parte inferior. O produtor tem apenas o trabalho de abastecer o vasilhame

com água. Esta água vai sendo liberada lentamente, mantendo a área úmida somente nas raízes das plantas, dando boas condições de desenvolvimento. "E o mais importante, é que não molha as folhas da planta, evitando assim a ocorrência de doenças", diz o agrônomo.

O porongo, segundo o Hélio, é sem dúvida um dos melhores materiais para ser utilizado na irrigação por gotejamento, "por não enferrujar e manter sempre constante o tamanho do furo, por onde a água é liberada". Como o porongo não é muito comum pela região, podem ser usadas, com igual vantagem, latas de tinta ou de óleo. A única desvantagem é a durabilidade, que é pequena por causa da ferrugem, "mas o efeito é o mesmo". Em caso da falta de latas e da não existência de porongos na propriedade, pode-se inclusive usar um pedaço de taquara, mesmo que não tenha a capacidade de comportar muita água.

Segundo o Hélio, qualquer forma de irrigação tem suas vantagens, só que pelo processo de gotejamento, a água atinge diretamente a raiz da planta, enquanto que pelos demais processos sempre acontece um escoamento superficial da água, lavando a terra e arrastando folhas que vinham protegendo o solo. "Além de tudo, a irrigação por gotejamento é mais prática, e a única operação que exige é a de abastecer os vasilhames".

## Quem pegou Proagro tem prazo de espera

O Banco Central decidiu conceder o que ele chama de "prazo de espera", para que os produtores possam liquidar as parcelas do custeio da última safra de trigo não cobertas pelo Proagro. Isso quer dizer que os agricultores terão 60 dias para pagar este saldo, segundo consta na circular 825, emitida no dia 4 de novembro. Depois disso, não se sabe por enquanto o que irá acontecer e dependerá de uma nova instrução a prorrogação ou não do pagamento da dívida.

A medida que concede o prazo de 60 dias pode não ser o que os produtores esperavam, mas bem que já desafoga um pouco a situação criada com a frustração da safra. Um cálculo por cima, feito pelo pessoal da Cotrijuí, que ainda está encaminhando os casos de Proagro, dá conta que uns 97 por cento dos agricultores da Região Pioneira recorreram a este seguro, em função de não terem praticamente nada o que colher.

Estes pedidos de Proagro revelam que as quebras na colheita variam de 70 a 80 por cento. É possível que, após a conclusão do encaminhamento dessas solicitações, se chegue à conclusão de que nunca aconteceu de um número tão grande de tricultores recorrer ao Proagro na Região Pioneira. Há quem diga que frustração tão grande como a deste ano só teria acontecido mesmo em 1972.

### JURO DE 45%

Só que em 72 o produtor tinha a soja para compensar as perdas com a lavoura de trigo, e agora o pessoal já não conta muito com esta saída. A quebra do trigo descapitalizou de fato o agricultor, e isso foi considerado pelo Banco Central, na hora de se decidir pela concessão de um prazo de 60 dias para liquidação dos débitos. Se a medida não fosse tomada, de qualquer forma o produtor dificilmente teria condições de pagar em dia o saldo do financiamento do custeio.

Este prazo de dois meses é contado a partir do vencimento do contrato, que em alguns casos ficou com data de 20 de dezembro, e em outros em 30 do mesmo mês. Segundo Aramis Baptista, gerente de Crédi-



to da Cotrijuí, o juro cobrado será o mesmo do contrato, ou seja, de 45 por cento ao ano, mesmo que a taxa do custeio tenha sido reajustada para 60 por cento, a partir de janeiro de 83.

### TAXA DE MORA

Vale lembrar, segundo Aramis, que em 1982 aconteceram mudanças no Proagro, quando os produtores ficaram com o direito de optar pela cobertura de acordo com variações percentuais das parcelas que este seguro indeniza. Na Região Pioneira, a grande maioria dos produtores, que pegaram custeio pelo repasse da Cotrijuí, ficou na faixa de cobertura de 70 por cento sobre o valor financiado. O juro de 45 por cento, no prazo de espera, incidirá, é claro, sobre o débito a descoberto.

Não se sabe ainda se, depois do vencimento deste prazo de 60 dias, o Banco Central poderá prorrogar ainda mais o pagamento do débito. Se isso não ocorrer, o procedimento será o previsto nestes casos, com a cobrança de um juro bem maior, que é o de mora. Esta taxa será a mesma prevista no contrato, com 7 por cento fixo mais as variações da ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). As ORTN variam mês a mês, mas dá para se prever que o juro de mora deve ficar entre 80 e 90 por cento ao ano.

# Comprove você mesmo o que a pesquisa já provou.

## Com Hiperfosfato CRA você colhe mais lucros.

O Hiperfosfato CRA é a melhor maneira de você ver sua produção aumentar. E seus lucros crescerem. Testes comparativos com outros fosfatos comprovaram que o Hiperfosfato CRA apresenta os melhores resultados, em todos os tipos de culturas, podendo até mesmo ser comparado aos fosfatos solúveis em água. Comprove você também a qualidade do Hiperfosfato CRA.

Aubos CRA fazem a terra boa.



ADUBOS CRA

A Cotrijuí também vende Adubos CRA

# O INOCULANTE PROVA TODA SUA EFICIÊNCIA

Muito se tem falado das vantagens econômicas que se consegue com o uso do inoculante na semente de leguminosas. O Cotrijornal inclusive publicou uma matéria sobre isto na edição de outubro de 1982. Mesmo assim, grande parte dos produtores ainda não acredita nos benefícios que o inoculante traz à planta, e esta descrença vem sendo comprovada no decorrer das safras. Na anterior, 81/82, por exemplo, segundo se tem notícias, grande quantidade do inoculante distribuído entre os associados foi jogada fora. Só naquela safra, das 146 mil doses de inoculantes adquiridas pela Cotrijuí, 141 mil foram distribuídas entre associados que compraram semente de soja. "Mas sabemos", lamenta o Rivaldo Dhein, coordenador da área de solos da diretoria agrotécnica da Cotrijuí, "que muito deste inoculante nem chegou a ser utilizado na lavoura. Simplesmente foi jogado fora ou colocado em hortas caseiras".

Embora lamente que em anos anteriores o produtor tenha desperdiçado dinheiro, jogando fora o inoculante, o Rivaldo reconhece que a partir desta safra 82/83 as coisas começaram a mudar um pouco. E o argumento do Rivaldo para a constatação, é de que 200 mil doses de inoculantes foram distribuídas entre os associados. "O produtor procurou o inoculante, inclusive aquele que fez lavoura com semente própria. Como distribuímos 190 mil sacos de sementes de soja, calculamos que umas 10 mil doses tenham sido usadas em sementes próprias. Segundo o Rivaldo, isto vem demonstrar que o produtor está acreditando mais na eficiência do inoculante. E a procura por parte do associado foi tanta que faltou inoculante. "Seria de lamentar se ainda algum inoculante distribuído não tenha sido aplicado na lavoura, já que muito produtor interessado ficou sem o produto".

## O QUE RENDEU

Se as 200 mil doses de inoculantes tiverem sido usadas em 200 mil sacos de soja (ocupando 200 mil hectares), e levando em conta que o inoculante tenha fixado 80 quilos de nitrogênio por hectare (em média fixa até 100 quilos por hectare), isto significaria, segundo os cálculos do Rivaldo, uma fixação de 16 mil toneladas de nitrogênio no solo. Estas 16 mil toneladas correspondem a 35.550 toneladas de uréia:

— Como o quilo da uréia está custando Cr\$ 72,70, teremos uma fixação de Cr\$ 2 bilhões, 584 milhões e 485 mil em nitrogênio no solo, com um custo em torno de Cr\$ 10 milhões. É um benefício obtido quase de graça. O retorno foi de Cr\$ 258,45 por cada cruzeiro



Um benefício obtido quase de graça

investido em inoculante. E o mais interessante é que o nitrogênio é que proporciona a nutrição da própria cultura da soja, razão pela qual não se faz necessária a aplicação do adubo nitrogenado quando se usa o inoculante. Além disso, deixa nutrientes para a próxima cultura".

## NÃO FAZIA CERTO

Desde que começou a trabalhar na lavoura, o seu Jadir Noronha, de Faxinal, na divisa de Ijuí com Cruz Alta, tem usado o inoculante na semente da soja. Só que sempre aplicava errado e nunca via resultados. Ele mesmo conta como aplicava o inoculante:

— Não sabia como aplicar. Só misturava com a semente na hora do plantio, e pronto. Foi na safra passada, de 81/82 que fiquei sabendo que tinha de fazer uma calda, misturar na semente, sempre dentro de um tempo, que depois não adianta mais e tem de fazer tudo de novo.

O Jadir aplicou o inoculante numa área da lavoura e até esqueceu. Sempre notava que numas faixas a soja era mais bonita, mais viçosa e de um verde mais intenso, mas não sabia a razão da diferença. Ele conta que descobriu os benefícios do inoculante na hora da colheita:

— Na colheita, quando dei com aquela soja mais carregada, é que lembrei que justamente ali naquela área eu tinha aplicado o inoculante.

Na última safra o Jadir aplicou inoculante em quase toda a área, 75 hectares, "mas deixei dois sem aplicar só para fazer uma experiência". A planta está que é uma beleza, "uma verga já está encostando na outra", de tão viçosa que se mostra a soja.

Falando em vantagens do uso do inoculante, o Jadir recorda que a soja que tinha sido inoculada no ano passado, pegou uma estiagem na época da floração, mas resistiu bem mais do que a outra e carregou normalmente.

## SEM PREGUIÇA

O seu Mário Sandri, de Dr. Bo-



Jadir Noronha: não sabia aplicar

zano, Ijuí, aplicou o inoculante em 80 dos 110 hectares de soja, e só não usou mais porque faltou produto. Ele nunca procura observar bem a soja com inoculante, mas garante que dá alguma diferença. Neste ano o seu Mário diz que deu uma caprichada e até marcou a área que não levou inoculante para observar melhor a planta. Ele conta:

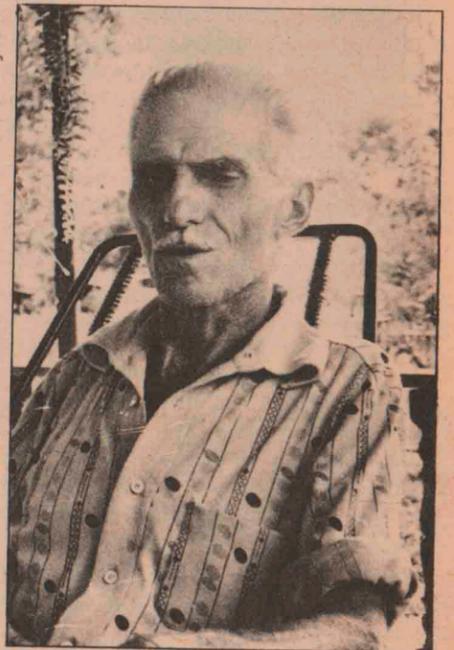
— Nos outros anos, deu muita seca e a planta não foi bem. Nesta safra, com toda esta chuva que tem dado, os resultados poderão ser melhores, e quero ver como vão se comportar aquelas faixas sem inoculante.

Quem usar o inoculante não pode ter pressa e nem preguiça, segundo o seu Mário, porque a operação é trabalhosa e ainda deve ser feita na hora do plantio, pois do contrário o inoculante perde o seu potencial de ação:

— Agora ando mais prático e já faço toda a mistura (semente, inoculante e a calda), dentro da própria semeadeira. A gente não perde assim tanto tempo. Se tocasse de plantar sem o inoculante ia mais ligeiro, mas todo trabalho vale mesmo a pena.



Mário Sandri: faltou inoculante



Milidino Viecili: trocou pelo diesel

## AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

O seu Milidino João Viecili, também de Dr. Bozano, já tinha plantado nesta safra, uns 10 hectares com inoculante. Só que apareceu um ataque de broca e ele decidiu suspender a aplicação:

— Quando vi que a broca estava atacando, troquei o inoculante pelo óleo diesel, que vi usarem no Mato Grosso com bons resultados. A broca termina mesmo.

A safra 76/77, o seu Milidino recorda que foi uma das melhores que já fez, mas também em vez de uma dose de inoculante por saco de planta, ele usou duas, e a planta carregou que foi uma beleza. Já na safra seguinte, por falta de tempo e de quem o ajudasse, deixou de aplicar. Mas todo o ano, sempre que pode, "embora o meu filho, que trabalha junto, não acredite muito", o seu Milidino inocula a semente.

A vantagem do inoculante para o seu Milidino está no aumento da produtividade, "porque a planta se desenvolvendo mais, toma mais corpo, tem mais volume de palha e aumenta a produção".

# MENOR AGRESSÃO AOS NOSSOS SOLOS

Rivaldo Dhein

O plantio direto consiste na "adubação e semeadura de qualquer cultura, em pequenos sulcos abertos em solo não preparado". A prática, portanto, dispensa qualquer preparo do solo, quer seja lavração e gradeação. Em compensação, áreas inçadas exigem a aplicação de herbicidas para o controle das ervas daninhas. É bom ressaltar que, do ponto de vista ecológico e ambiental, o uso de herbicidas no plantio direto é bem menos prejudicial do que no plantio convencional, e se justifica do ponto de vista econômico.

Em áreas submetidas ao plantio direto, a enxurrada e a erosão têm sido significativamente menores. O arrastamento do solo, com pesticidas, é menor e, conseqüentemente, os problemas de poluição e assoreamento de rios, lagos e barragens também são mais reduzidos.

Seguramente, excetuando-se o benefício do controle às ervas invasoras — que pode ser substituído pelos herbicidas —, não existe nenhuma razão científica que justifique o preparo do solo da maneira convencional.

## OS CUIDADOS

Qualquer produtor que queria realizar plantio direto na sua propriedade, precisa adotar certos cuidados, considerados muito importantes. Além de pleno domínio do sistema, deve conhecer muito bem a sua propriedade, principalmente no que diz respeito ao solo e à incidência de ervas daninhas. As áreas escolhidas para o

plantio direto não devem apresentar problemas sérios de degradação física e compactação. Caso existam estes problemas, se faz necessário um trabalho de recuperação. No primeiro ano deve ser feito um tratamento de choque, realizando uma subsolagem a 30 centímetros de profundidade. Nos anos seguintes, o produtor passa a adotar a rotação de culturas, sempre alternando plantas com raízes vigorosas e profundas (como a colza, tremoço, trevos, etc). Não se pode esquecer também da manutenção das restevras (não queimando, portanto, as palhas), do cultivo mínimo, do menor trânsito de máquinas sobre a lavoura e do uso mais moderado de pesticidas.

Um outro aspecto que deve ser levado em conta, é que a área para o plantio direto não deve ser muito inçadas, pois isto eleva demasiadamente os custos da lavoura e ainda por cima, pode comprometer o sucesso do sistema. É mais lógico iniciar o plantio direto em áreas menos inçadas e procurar limpar aquelas mais "suja" antes de integrá-las ao plantio direto.

Por outro lado, o solo precisa ser corrigido antes da adoção do plantio direto. A correção do solo, para apresentar resultados mais rápidos e de forma mais efetiva, necessita de um revolvimento da terra para a incorporação do calcário e dos corretivos de fertilidade.

## Uma prática em expansão

O agrônomo Rivaldo Dhein começou a depositar confiança na expansão da prática do plantio direto pela região exatamente a partir desta safra de soja que está sendo cultivada. E este seu otimismo não é gratuito, mas sim leva em conta o interesse demonstrado pelos associados durante as reuniões e dias de campo que trataram da técnica e das vantagens do uso do plantio direto na implantação das lavouras.

Também este ano, por iniciativa dos técnicos agrícolas da unidade de Ijuí, começaram a ser testados por produtores seis diferentes modelos de semeadeiras para plantio direto. Mesmo que todos os tipos testados tenham realizado o plantio sem maiores problemas, as que melhor se comportaram foram as máquinas com sistema de discos para o corte da palha, abertura de sulcos e deposição de adubos e sementes. Estes modelos, como se pode observar, dificilmente embucham, movimentam menos os solos e ainda são mais leves à tração. Conta o Rivaldo:

— De um modo geral, as novas semeadeiras são mais leves e perfeitamente tracionadas por tratores de média potência, que são os mais comuns na região. As primeiras máquinas que surgiram no mercado exigiam tratores mais potentes.

O Rivaldo destaca também que pela

região alguns produtores já vêm praticando o plantio direto utilizando semeadeiras comuns, adaptadas por eles mesmos, através da colocação de discos para o corte da palha, reforço de sulcador, etc. Ele reforça que "é importante a criatividade do produtor, procurando de uma forma ou de outra, resolver seus problemas. O que não é mais aceitável é a alegação de muitos produtores de que não é possível realizar o plantio direto com muita palha na superfície do solo". O Rivaldo garante que existem inúmeras lavouras, implantadas recentemente, que mostram que a palha não impede o plantio direto.

## OS IMPLEMENTOS NECESSÁRIOS

Normalmente, para o plantio de 100 hectares, são necessários um trator médio (60 HP), uma semeadeira de plantio direto, um pulverizador de barra e um picador de palha na automotriz. Segundo o agrônomo é indispensável que o produtor utilize um picador de palha no momento da colheita, principalmente na de trigo. Se não tiver a plantadeira específica para o plantio direto, pode tentar adaptar uma semeadeira comum, uma prática que tem apresentado resultados satisfatórios em muitos casos. O pulverizador de barras se faz necessário para o caso de aplicação de herbicidas na lavoura.

Mesmo que a soja já esteja na lavoura e, portanto, o sistema de plantio não possa mais ser alterado, sempre é hora de se falar de uma prática de cultivo que ajuda a diminuir os problemas de conservação do solo. As vantagens do plantio direto e a forma adequada de introduzir esta prática na propriedade, são os principais pontos abordados neste artigo do agrônomo Rivaldo Dhein, coordenador da área de solos da Diretoria Agrotécnica da Cotrijuí. Também alguns associados falam de sua experiência e se comenta a expansão da prática do plantio direto em toda região.



## A ECONOMIA

O produtor que já vem utilizando o plantio direto em sua propriedade sabe o quanto este sistema proporciona economia em máquinas, já que dispensa o arado e a grade em operações, em mão-de-obra, em combustível e em tempo.

A tabela 'A', adaptada do livro "Plantio Direto no Estado do Paraná" (1981), dá uma boa idéia da economia que se obtém com o plantio direto. De acordo com a tabela, para a realização do plantio convencional são utilizados um trator e quatro diferentes implementos, e efetuadas seis operações. São empregadas 7 horas e 15 minutos por hectare no trabalho e consumidos 24,47 litros de combustível por hectare. Já no plantio direto, são utilizados, além do trator, apenas dois implementos. O número de operações, neste caso cai para três, enquanto que o número de horas gastas por hectare resume-se a 2 horas e 57 minutos e o consumo de combustível fica em 5,97 litros por hectare.

No Rio Grande do Sul, muitas vezes não são realizadas três gradeações, mas mesmo assim os índices para o plantio convencional ficam bem acima daqueles do plantio direto.

Em se falando de custos, entretanto, é preciso considerar que os gastos com herbicidas normalmente são maiores com o plantio direto do que com o plantio convencional. Um trabalho realizado pelo Luiz Juliani do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí, mostra claramente que em função dos herbicidas, muitas vezes o plantio direto se torna mais caro do que o plantio convencional, o que contribui em muito para limitar a sua expansão.

De acordo com os cálculos realizados pelo Luiz Juliani, um hectare de plantio convencional, quando exige aplicação de herbicidas para folhas largas e folhas estreitas, custa ao produtor, a quantia de Cr\$ 12.799,00. Quando o uso

do herbicida é dispensado, o custo deste hectare fica em Cr\$ 4.110,00. No caso do plantio direto, se a área apresentar grande incidência de invasoras de folhas largas e estreitas, o custo deste hectare fica em Cr\$ 17.409,00. Quando não se faz necessária a aplicação de herbicidas, o produtor vai gastar apenas Cr\$ 1.721,00 por hectare. Se a utilização do dessecante for suficiente, o custo fica em Cr\$ 5.339,00 por hectare. De acordo com o trabalho, fica bem claro e comprovado que em áreas muito inçadas o custo do plantio direto é muito elevado, podendo até comprometer o sistema.

## A MELHORIA DO SOLO

As principais e maiores vantagens do plantio direto, sem nenhuma dúvida, estão relacionadas ao solo, à melhoria de suas características, propriedades físicas e sua melhor conservação.

A estrutura do solo é favorecida pelo plantio direto. Trabalhos experimentais têm mostrado que enquanto a agricultura convencional intensiva — com a queima de palha — promove uma acentuada redução no tamanho e estabilidade dos agregados estruturais do solo, com o plantio direto ocorre exatamente o contrário. Não só aumenta o tamanho dos agregados, como também crescem a porosidade, a aeração e a infiltração e armazenamento de água no solo. Em função de tudo isto, vai haver uma diminuição no escoamento superficial da água sobre o solo e na erosão. Por outro lado, aumenta o enraizamento e a resistência das culturas à seca, já que a umidade fica retida por mais tempo no solo.

A palha que permanece na superfície do solo, quando se adota o plantio direto amortece o impacto da chuva, reduzindo com isso a erosão. Não é demais lembrar que 95 por cento da erosão provocada pelas chuvas é devida ao impacto da gota d'água na superfície do solo descoberto. Trabalhos realizados no Centro de Treinamento Cotrijuí mostraram que a

TABELA "A"

Operações	Rendimento Trabalho (h/ha)		Combustível (l/ha)	
	PC	PD	PC	PD
Lavração	3,25	—	13,20	—
1ª gradagem	1,03	—	3,57	—
1ª aplic. herb.	0,48	0,45	0,65	0,50
2ª aplic. herb.	—	0,45	—	0,50
2ª gradeação	0,97	—	2,85	—
3ª gradeação	0,67	—	2,55	—
Plantio	0,75	1,65	1,65	4,97
<b>TOTAL</b>	<b>7,15</b>	<b>2,57</b>	<b>24,47</b>	<b>5,97</b>

(Trator MF 65X em latossolo Roxo Distrófico)

perda anual de solo, por hectare, sob diferentes cultivos, numa média de três anos (quando choveu em média 1.687 milímetros por ano), foi de:

- Solo descoberto . . . . .56.098 Kg/ha
- Trigo e soja em plantio convencional . . . . . 8.095 Kg/ha
- Trigo e soja em plantio direto . . . . . 524 Kg/ha
- Aveia e Milho em plantio convencional . . . . . 7.947 Kg/ha
- Aveia e milho em plantio direto . . . . . 1.637 Kg/ha
- Setária e Siratro . . . . . 44 Kg/ha

A partir dos dados coletados, percebe-se com evidência a importância de cobertura vegetal e do não revolvimento do solo, para a sua conservação. Para os mesmos tipos de cultura, também se nota a diferença dos resultados do plantio direto, se comparado com o plantio convencional. Cabe ressaltar que neste caso para a realização do plantio convencional não houve a queima da palha, o que elevaria ainda mais as perdas do solo.

A palha na superfície e o não revolvimento do solo, contribuem ainda para manter mais úmidos as camadas superficiais do solo por mais tempo durante os períodos secos. A palha na superfície retarda o escoamento da água, aumentando a infiltração. Por outro lado, limita a insolação direta no solo, reduzindo as perdas de água por evaporação.

É ainda pelo efeito da cobertura morta, com palha, que muitas sementes de invasoras têm a germinação impedida. O não revolvimento do solo com o plantio direto, por sua vez, impede que as sementes colocadas mais profundamente no solo tenham condições de germinar.

Dentro das vantagens do plantio direto, ainda podemos citar o enriquecimento das camadas superficiais do solo em nutrientes químicos, o que também já foi comprovado através de experiências.

O estudo publicado no livro "O Plantio direto no Estado do Paraná", mostra um acúmulo de nutrientes, principalmente de fósforo, nas camadas superficiais de solo, após quatro anos de cultivo de trigo e soja, em lavouras adubadas anualmente. Também o potássio (K) e o cálcio (Ca) foram acumulados nas camadas mais superficiais (até 10 centímetros), de profundidade, enriquecendo-as. Na extensão de todo o perfil até os 30 centímetros de profundidade, também ficou evidente um enriquecimento nos teores médios de fósforo e cálcio. Apenas no caso do potássio não houve variação entre os dois sistemas de plantio.

**O PLANTIO DIRETO NA REGIÃO**

Se observarmos a distribuição das chuvas ao longo do ano na Região Pioneira da Cotrijuí, vamos notar que aquelas precipitações com maior potencial de provocar a erosão, ocorrem justamente nos meses de preparo do solo e/ou durante o plantio do trigo (junho) e da soja (setembro a dezembro). Acontece que nestes períodos os solos se encontram totalmente sem proteção vegetativa e, portanto, expostos à erosão.

Encarando unicamente este aspecto, se poderia concluir que a região não se presta para o cultivo do trigo e da soja. Como em consequência de uma série de outros fatores a realidade não é bem esta, e a solução para o caso é procurarmos agredir menos o solo e protegê-lo da melhor maneira possível contra a erosão. Se não podemos mantê-lo coberto de vegetação viva nestes períodos, vamos procurar pelo menos protegê-lo com a palha (resteva) da cultura anterior, até que venha a nova cultura. Se aliado a estes cuidados procurarmos não mobilizar o solo, o que conseguimos através do plantio direto, os riscos de erosão ficarão reduzidos.

# A curiosidade bem sucedida

*Um pouco pela curiosidade, e outro tanto pela vontade de fazer alguma coisa pelas suas terras, o Ari Noronha, de Faxinal, na divisa do município de Ijuí com Cruz Alta, vem utilizando desde 1980 o plantio direto em parte de suas terras. No primeiro ano adotou o sistema em apenas dois hectares, "só para ver o que dava". No ano seguinte, fez plantio direto em 15 hectares e nesta última safra, quase triplicou a área. Ele conta porque ainda não arriscou a fazer toda a lavoura com plantio direto:*

*- Não plantei tudo direto porque o dinheiro não dava. Mas dos 100 hectares de soja plantados, 40 foram com plantio direto. Os outros fiz o plantio convencional, que me saía mais barato, devido ao preço elevado do herbicida. A minha investida no plantio direto é principalmente para procurar melhorar um pouco a minha terra.*

*Além da conservação do solo, o Ari destaca outras grandes vantagens relacionadas com o plantio direto que já teve a oportunidade de comprovar através de experiências. Uma delas é a rapidez no plantio.*

*- Se a gente vai mexer no solo, tem de esperar uma chuva para plantar. Se o plantio é direto, vai colhendo e plantando na mesma hora. Além disso, estou admirado com o aspecto do solo. Até a cor se modificou e a terra ficou bem mais macia. E a infiltração da água é fantástica.*

*O Ari também garante que é grande a diferença no aumento da produtividade. Se toca de aparecer uma estiagem, como aconteceu na última safra, a planta tem condições de resistir muito mais à falta d'água. "Não fiz uma comparação bem certinha, mas tenho certeza de que a soja de plantio direto carregou muito mais do que a outra.*

**EXPERIÊNCIAS COM O MILHO**

*Como foi muito bem com a soja em cima da palha do trigo, este ano o Ari resolveu fazer uma experiência com o milho, plantando em cima do tremço e da aveia. De início tinha feito 10 hectares, mas bateu uma lagarta e terminou com a lavoura. Na hora do replante, achou por bem mexer na terra.*

*- A praga caducou quase todo o meu trabalho. Só me restou uns quatro hectares de plantio direto. Só mexi com a terra prá ver se matava a lagarta.*

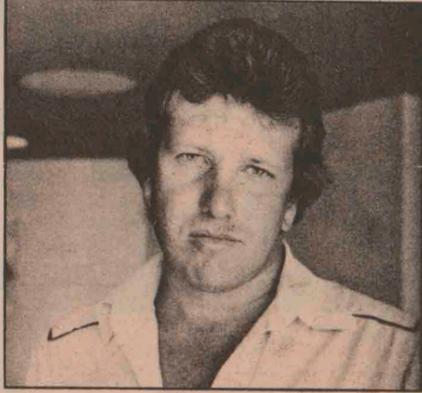
*Como não dispunha de maquinário nenhum para fazer o plantio direto, o começo não foi fácil para o Ari. No primeiro ano usou uma semeadeira pequena e convencional, mas onde encontrava trigo acamado a máquina embuchava. A planta não ficou boa. No ano seguinte, depois "de muito estudo em dias de chuva", fez algumas adaptações numa máquina colocando um suporte com um disco para cortar a palha. Ainda não foi muito feliz, como conta:*

*- A idéia era boa, só não consegui aperfeiçoar. E o material do suporte não me ajudou, era fraco e não resistiu muito tempo. Perdi tempo e dinheiro, mas mesmo assim acho que valeu.*

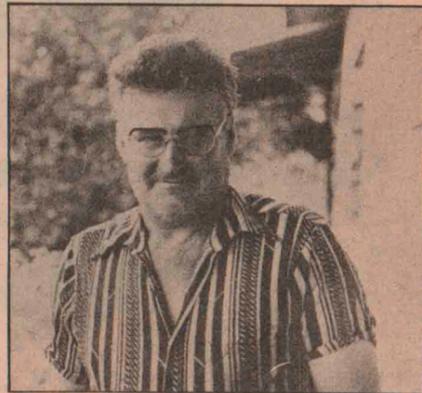
*Para resolver o problema de vez, o Ari fez a última planta com uma semeadeira própria para plantio direto, que comprou ainda há pouco. E já anda pensando em comprar uma outra semeadeira também para fazer o plantio direto de trigo.*

**O SUSTO COM O HERBICIDA**

*O que mais assusta o seu Biágio Menegol, de Formigueiro, no município de*



Ari Noronha: fazendo experiência



Biágio Menegol: custo do herbicida

*Augusto Pestana, toda a vez que pensa em aumentar a área de plantio direto, são os preços dos herbicidas. Dos 30 hectares feitos com plantio direto, ele lamenta que apenas três tenham lhe custado Cr\$ . . . . . 119.000,00. "É muito dinheiro e tudo só por causa dos preços dos herbicidas".*

*O que levou o seu Biágio a optar pelo plantio direto, foi a situação de sua terra, "cada vez mais estragada e sujeita à erosão". Nestes três anos de experiências, ele conta que viu vantagem só com relação a conservação do solo:*

*- Não dá prá negar que o plantio direto ajuda a melhorar a terra. Nestes pedaços que fiz, a chuva não carrega mais nada da lavoura. Fora isso, tem a economia em mão-de-obra e do tempo, só que o herbicida leva tudo isso. Do resto, em tempo de estiagem, a soja apanha do mesmo.*

*No Barro Preto, interior de Ajuricaba, o Valfrides Alves de Souza, com 35 hectares de terra arrendada, é um entusiasmado com o plantio direto, e não cansa de citar os benefícios que já teve durante os três anos de experiência:*

*- Os benefícios do plantio direto são muitos, e vão desde a economia de combustível, de mão-de-obra, de tempo, de dinheiro, até a conservação do solo. E quando faz seca, a planta aguenta muito mais o calor, já que a palha em cima da terra ajuda a conservar a umidade por mais tempo. Com todo este tempo louco que tem corrido, nas minhas curvas faz um tempão que não corre mais água.*

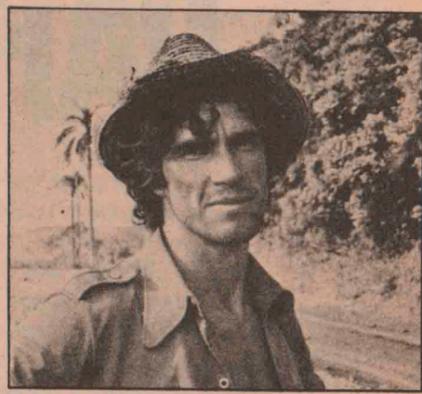
*No primeiro ano, o Valfrides fez experiência plantando uma área de cinco hectares de soja em cima do trigo. Satisfeito com os resultados, nesta safra ele não só aumentou a área para 15 hectares, como ainda plantou uns 25 quilos de sorgo em cima da aveia. Segundo ele, o sorgo anda bem, apesar de ter apanhado um pouco porque aveia germinou junto. "Mas o sorgo se recuperou bem e já está ganhando da aveia".*

**O PREPARO COM ANTECEDÊNCIA**

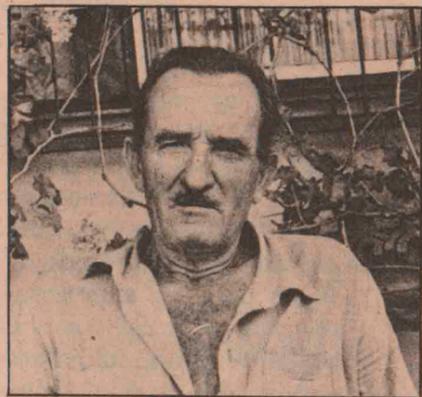
*O Valfrides começou preparando a área para o plantio direto aos poucos. Só depois que a área está limpa, bem capinado e sem tanto inço, é que ele faz plantio direto, pois do contrário não compensa, como ele mesmo conta:*

*- Não estava a fim de gastar com herbicidas, então achei melhor ir preparando a terra aos poucos, fazendo capina. A lavoura tem de ser limpa sempre de cima para baixo, que daí o mato não cresce mais porque chuva nenhuma leva semente para cima.*

*De acordo com o Valfrides, o produtor faz plantio direto a hora que quer, desde que a terra não seja tão "suja" e que tenha uma semeadeira eficiente. Valfrides diz que os tempos bons já passaram*



Valfrides de Souza: única safra



Élio Facchin: depende do inverno

*e de agora em diante o produtor precisa trabalhar com a cabeça, planejar muito bem a lavoura para poder tirar algum lucro.*

*- O plantio direto é a única saída para a soja ou qualquer outra cultura, desde que a terra esteja limpa de inços.*

*Pelas experiências que tem feito, o seu Élio Facchin, de Dr. Bozano, Ijuí, acha que no ano que plantou a soja em cima da aveia, deu muito melhor do que em cima do trigo. O inço não foi tanto e a soja carregou melhor. Nesta safra, ele repetiu a soja em cima do trigo, e quer ver como vai se sair. Dos 200 e poucos hectares que planta em sociedade com os filhos, o seu Élio arriscou apenas nove com o plantio direto, pois ainda não sabe como resolver o problema do mato sem ter que gastar tanto dinheiro com o herbicida.*

*- Tudo depende em muito da safra de inverno. Quando o trigo dá bem, não vem tanto inço e a soja também nasce bem. O que plantamos com o plantio direto nasceu que foi uma beleza.*

*Seu Élio não usa o herbicida porque acredita que não pode fazer muito bem para a terra. Quando o mato ainda está pequeno, passa a rotativa e em seguida a capinadeira. Também não costuma mexer demais com a terra, mesmo a utilizada para o plantio convencional.*

*- Quase toda a terra não foi lavrada, só discada e logo plantada. No preço que anda o óleo e tudo o mais, o produtor tem de economizar o que pode.*

# INTEGRAÇÃO AGORA É PARA VALER

A integração efetiva do sistema cooperativista gaúcho começa a sair do papel para ser realmente posta em prática. Antes das diferenças regionais, o mais importante é a coesão do sistema, como ficou bem claro durante o Terceiro Seminário Estadual das Cooperativas da Fecotrig, realizado durante três dias da segunda quinzena de dezembro passado, em Porto Alegre. Foi um seminário em que as questões econômicas dominaram todos os debates, na procura de uma forma de afastar e superar a grave crise financeira enfrentada especialmente pelo setor agropecuário. E o primeiro passo já foi dado, com a formação de um "pool" para a comercialização conjunta das safras.

Mais do que um encontro para a tomada de grandes posições políticas, o Terceiro Seminário Estadual das Cooperativas da Fecotrig serviu para o debate da situação econômica que estas organizações estão vivendo. Se não foi momento de novas propostas políticas, entretanto, ele serviu para reafirmar que a eficiência das cooperativas está intimamente ligada ao seu modelo administrativo, ou àquilo que o sistema Fecotrig chama de gestão democrática.

Depois de quase três dias de discussões e de análise da realidade das cooperativas, ficou a certeza de que a integração do sistema como um todo é vital para a sua própria sobrevivência. Já na exposição feita pelo presidente da Fecotrig, Jarbas Pires Machado, foi ressaltado que o sistema cooperativo de produção precisa enfrentar esta crise com propostas claras e definidas. Esta tão falada crise é em parte um reflexo da crise geral enfrentada pelo mundo, como também pode ser atribuída à forma como foi montada toda estrutura do cooperativismo no Brasil: baseada no crédito fácil e subsidiado. Só que esta época ficou no passado e hoje se convive com altas taxas de juro, e até mesmo com falta de dinheiro para manter a máquina andando.

## A SAÚDE FINANCEIRA

Jarbas Machado também traçou um retrato da saúde financeira das cooperativas, mostrando que de 1979 para cá elas investiram bastante no crescimento do seu patrimônio. O conjunto de cooperativas filiadas à Fecotrig, incluindo também a

Centrasul, aplicou muito dinheiro em imobilizado (prédios, máquinas, equipamentos, etc). Só no exercício de 1981/82, por exemplo, o patrimônio das cooperativas cresceu 150 por cento, enquanto a taxa de inflação ficou nos 100 por cento. Quer dizer, se investiu 50 por cento a mais do que os próprios índices inflacionários, e isto num momento em que a economia, no geral, apresentava um crescimento igual a zero, e alguns setores até apresentaram resultados negativos.

A questão é que este crescimento não aconteceu com capital próprio das cooperativas, pois inclusive o capital social teve um crescimento negativo neste mesmo período. Ou como disse o presidente da Fecotrig: "o sistema se descapitalizou ainda mais e imobilizou ainda mais". A saída para esta situação, segundo os dirigentes, é implantar uma administração mais austera, ao mesmo tempo em que se trabalha visando três aspectos considerados básicos: a capitalização do sistema, a comercialização integrada entre as cooperativas e ainda uma nova forma de relação entre associado e cooperativa, eliminando todo e qualquer paternalismo.

Cada uma das nove regiões da Fecotrig estudou os problemas econômicos e administrativos e apresentou suas propostas. Todas estas idéias foram reunidas pela Federação, que deverá tirar propostas concretas de trabalho daqui para a frente.

## PRIORIDADE À CAPITALIZAÇÃO

Uma das medidas consideradas

de caráter prioritário diz respeito à capitalização, com a criação de mecanismos de captação interna e externa de recursos. No primeiro caso, se destacou a necessidade de buscar estes recursos junto ao quadro social, com retenção de capital em todos os produtos e ainda das sobras do exercício. Ainda dentro do sistema foi enfatizada a necessidade de dinamizar a atuação das cooperativas de crédito, procurando eliminar as restrições legais existentes para este trabalho. Os recursos fora do sistema deverão ser negociados em conjunto, assim como a busca de novas fontes de captação de dinheiro, como o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), que já entra com capital de risco em empresas privadas.

Também sobre capitalização se decidiu colocar efetivamente em prática as decisões tomadas no Segundo Seminário, realizado em 1981, em Santa Maria. Naquela ocasião foi definido que as cooperativas introduziriam a correção monetária do capital do associado, para que ele não perdesse valor frente à inflação. Só que poucas cooperativas já adotaram esta medida. Na verdade, em todo estado, apenas quatro entidades estão fazendo a correção do capital, e uma delas é a Cotrijuí, que pôs em prática este sistema já em 1979

## UMA NOVA RELAÇÃO

A Região 1, que faz parte da Fronteira, deu um destaque todo especial à questão do relacionamento associado-cooperativa, e este ponto terminou também por merecer des-

taque do plenário. De acordo com a proposta que continuará sendo discutida dentro da Fecotrig, está na hora de se buscar uma efetiva organização do quadro social, definindo a forma de sua participação nas decisões da cooperativa. Segundo as colocações, as cooperativas devem tentar conseguir uma maior disciplina do quadro social, inclusive diferenciando os sócios atuantes dos não atuantes, os omissos, que não entregam a produção, não participam das discussões internas, mas querem usufruir de todos os benefícios. A intenção da proposta é que estes benefícios correspondam ao grau de participação dos associados, a ponto de até mesmo rever a questão de fidelidade do produtor com a cooperativa.

## COMERCIALIZAÇÃO

Um terceiro ponto destacado foi a comercialização das safras, quando surgiram várias propostas concretas visando diminuir custos e aumentar as receitas dos produtores associados. Os dirigentes falaram inclusive em revisar métodos de comercialização, tendo em vista as novas características de mercado, enfatizando sobre a necessidade de se adotar normas e procedimentos comuns. (Confira na matéria ao lado).

Entre outra série de medidas para enfrentar a crise financeira, foi sugerido um melhor aproveitamento do quadro funcional, implantação de sistemas integrados de prestação de serviços e ainda procedimentos comuns na remuneração das direções e conselhos, adequando-se às peculiaridades regionais. Também se falou em ado-

tar procedimentos comuns de recebimento, visando reduzir custos operacionais; repassar os custos de todos os serviços prestados aos associados beneficiados; buscar a integração entre os departamentos técnicos e demais entidades e órgãos oficiais, dando prioridade no atendimento aos associados que efetivamente trabalham com a cooperativa, os chamados "associados integrais".

## FUNÇÕES DA FECOTRIG

A Fecotrig, mais uma vez, saiu fortalecida do Seminário, sendo considerada uma entidade fundamental para o cooperativismo gaúcho. Ao definir sua função, os grupos reforçaram a continuidade do trabalho desenvolvido desde 1980, quando a Federação foi dividida em duas áreas: uma, mais política, que manteve o nome de Fecotrig, e outra como entidade econômica, voltada para a industrialização e comercialização, que foi batizada de Centralsul (veja matéria ao lado).

Daqui para a frente, a Fecotrig deve continuar atuando como representante política do sistema cooperativista gaúcho, dando especial atenção ao trabalho de educação e comunicação, que com baixos custos desempenha uma importante função de agregar os produtores e ainda abrir um caminho consciente de participação. A Federação também deve continuar dando atenção à pesquisa agrônômica, mas procurando buscar recursos que aliviem os custos deste trabalho, ao mesmo tempo em que deve redirecioná-lo mais para a diversificação de culturas.



O debate foi feito em grupos, como neste da Região 6, onde está incluída a Cotrijuí

## A questão da Centralsul

O Seminário reuniu dirigentes de praticamente todas as cooperativas filiadas ao chamado sistema Fecotrig, muitas delas também associadas da Centralsul (Central das Cooperativas de Produtores do Rio Grande do Sul), e serviu ainda para reexaminar as funções destas duas entidades. O encontro coincidiu com um momento particularmente difícil para a Central, envolvida em sérias dificuldades econômicas. Além disso, seu presidente Ari Dionísio Dalmolin foi forçado a renunciar do cargo, por estar envolvido em problemas de má aplicação do crédito rural em propriedades no Mato Grosso do Sul. No seu lugar assumiu o vice-presidente, Hermann Sirobel, em seguida eleito para ocupar o cargo de presidente.

Os problemas da Central foram provocados por uma soma de fatores, entre eles a crise geral do setor agropecuário, especialmente das cooperativas, e um modelo autoritário e concentrador de administração. Todas estas questões foram levantadas durante o Seminário, quando as cooperativas filiadas se comprometeram a dar todo apoio à nova diretoria, que já está procurando superar os problemas financeiros enfrentados pela entidade.

No final do Seminário, inclusive, foi formada uma comissão para estudar as medidas econômicas e administrativas que devem ser tomadas e ainda detalhar as novas funções da Central, a partir das propostas surgidas durante o encontro. Fazem parte da Comissão um representante de cada uma das nove regiões em que está dividido o estado, e mais um representante das cooperativas não filiadas. Pelas não filiadas foi escolhido o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, que lembrou ser este o momento de superar as discordâncias do passado — a Cotrijuí não é filiada à Central exatamente por discordar da sua forma anterior de administração — e trabalhar pelo fortalecimento do sistema como um todo.

O compromisso assumido pela nova diretoria da Central é fazer uma administração aberta, para montar uma entidade de acordo com os reais anseios e necessidades dos produtores. A Centralsul, que é a entidade responsável pela industrialização e comercialização dos produtos de suas filiadas, deverá permanecer com esta atividade, imprimindo, porém, um maior dinamismo, e desativando setores comprovadamente deficitários.

## Primeiro passo: comercialização em conjunto

Um primeiro e importante passo para que aconteça uma efetiva integração do sistema cooperativista gaúcho poderá ser dado ainda nesta safra de soja. A intenção é que as cooperativas façam a comercialização conjunta do produto, visando com isso reduzir custos e garantir aos associados a obtenção dos melhores preços do mercado.

A idéia surgiu durante o Seminário de dezembro, mas para ser posta em prática depende da aprovação formal da Assembléia da Fecotrig, que se reúne dia 20 de janeiro para decidir sobre o assunto. Esta operação integrada é baseada em três pontos fundamentais: critérios uniformes de recebimento dos produtos, racionalização do escoamento das safras e, por fim, a comercialização conjunta.

Algumas cooperativas já adotam critérios semelhantes de recebimento, e inclusive mantêm um convênio de armazenagem, através do qual o associado de uma cooperativa pode entregar seu produto no armazém de outra cooperativa, existindo o acerto no final da safra. Elas adotam tabelas semelhantes para descontos de secagem, armazenagem, etc.

## CENTRAL DE INFORMAÇÕES

Nesta operação conjunta de comercialização, as cooperativas manteriam uma espécie de central de informações junto à Fecotrig, onde cada entidade registraria as possibilidades de fechamento de negócios que encontrou no mercado. Seria uma central instalada sem maiores investimentos, em que se contaria com técnicos especializados em comercialização — entendidos tanto em mercado interno como em mercado externo — e que indicariam às cooperativas quais as melhores oportunidades de negócios. Estes técnicos seriam cedidos pelas próprias cooperativas, enquanto o custo da central seria rateado entre todas as filiadas.

De acordo com este plano, uma cooperativa que recebesse uma oferta de compra de soja, entraria em contato com a Central para saber se existe um outro negócio mais favorável naquele momento. Desta forma, ela estaria assegurando o melhor preço para o seu produto, e isto de uma forma simples, eficiente e barata.

Além da economia e do melhor resultado, esta mecânica, no entender do presidente da Cotrijuí — um dos entusiastas da idéia — representa um novo comportamento do sistema cooperativista, "que não precisa de novas entidades ou grandes investimentos, mas sim de novos comportamentos e atitudes como estas".

Que os defensivos agrícolas não são boa coisa para a saúde já se está cansado de saber. Mas cada vez que se aproxima a época de ficar atento para o controle de pragas nas lavouras, principalmente na de soja, e os produtores passam a lançar mão do uso de venenos para dar um fim ao seu ataque, renasce a preocupação com o risco de intoxicações do pessoal encarregado de fazer a pulverização nas plantas.

Para um grande número de agrônomos e para a totalidade dos ecologistas, os agroquímicos são uma opção cara e suicida, pois trazem a degradação do meio ambiente e uma perigosa contaminação dos alimentos, isto sem falar dos problemas de saúde e das vítimas que elas deixaram no meio rural. Seus protestos têm conseguido influenciar um pouco a opinião pública sobre a necessidade de regular e controlar o uso e comercialização destes produtos, criando inclusive uma série de polêmicas sobre o assunto. A última aconteceu no ano passado, e envolveu uma lei estadual para punir o uso de alguns defensivos clorados comercializados livremente no mercado. Há agora um projeto, de autoria do deputado estadual Antenor Ferrari, que pretende proibir também a comercialização de produtos químicos já proibidos em seus países de origem, e que circulam livremente em todo Brasil. Este projeto depende ainda da aprovação do governador do Estado para virar lei (veja no Cotrijornal do mês passado).

Na realidade, já se sente uma consciência maior sobre os perigos que estes produtos químicos trazem para a saúde das pessoas e dos animais. As experiências vividas há até pouco tempo amedrontaram bastante os produtores, que se expunham às intoxicações com muito maior frequência. O cuidado maior no uso se deve um pouco por causa deste tipo de consciência, e outro tanto porque as frustrações de safra têm diminuído até mesmo o ataque de pragas, isto sem falar que agora o produtor pensa pelo menos duas vezes antes de fazer qualquer aplicação. O mínimo custo que possa ser reduzido na lavoura é bastante considerado, ainda mais numa época de tanto aperto financeiro como a que se vive nos últimos tempos.

A indústria de defensivos tem sentido na pele esta retração no consumo de agrotóxicos, e isto fica comprovado nos dados do Sindicato da Indústria e Defensivos Agrícolas do Estado de São Paulo. Por suas estimativas, houve uma queda entre 10 a 15 por cento nas vendas de defensivos agrícolas no ano de 1982. Estas estimativas são baseadas no volume físico escoado pelas indústrias nos oito primeiros meses do ano, e a tendência deve ter permanecido a mesma no final de 1982. Já em 1981 as vendas foram menores do que em 1980, registrando uma redução de 20 por cento de um ano para o outro.

# NA LIDA COM DEFENSIVOS É BOM ESTAR SEMPRE ALERTA



- Só use defensivo quando isto realmente for necessário. Controle o ataque de pragas, observando periodicamente sua lavoura e fazendo o manejo (veja ao lado).

- Não aplique defensivos de largo espectro (do tipo "mata-tudo"). Para cada praga existe um veneno específico e eficiente. Consulte um técnico para saber o que ele recomenda.

- Leia corretamente as instruções de aplicação do veneno antes de começar o serviço.

- Aplique exatamente a quantidade recomendada. De nada adianta abusar na dose, pois veneno a mais não representa maior eficiência, e ainda por cima o custo aumenta sem um retorno proporcional.

- É um desperdício e um perigo aplicar defensivo quando estiver ventando muito forte ou existam correntes de ar para cima. Nestas condições, a maior parte do veneno cai fora da lavoura e pode atingir pessoas e animais que estejam nas redondezas.

- Não adianta aplicar defensivo quando o tempo estiver se preparando para uma chuva. Espere o clima se firmar.

- Se o tratamento não deu resultado, procure um técnico para que ele lhe explique o que pode ter acontecido. Não repita a operação sem saber qual foi a falha no tratamento.

- Não aplique defensivos perto de animais. Retire-os das pastagens próximas à lavoura e só os traga de volta depois de passar o tempo recomendado.

- Afaste as crianças da proxi-

midade da lavoura em tratamento.

- Não faça qualquer aplicação de defensivos no período de 15 dias antes da colheita. Se os grãos de uma lavoura tratada forem diretamente para o consumo, podem intoxicar as pessoas e animais.

- Não deixe os animais beberem água em rios, riachos, sangas ou açudes que recebam água de lavouras tratadas.

- Não lave as máquinas e equipamentos e nem despeje as águas de lavagem e os restos de defensivos em riachos ou açudes.

- Não manuseie defensivos em locais fechados ou próximos do fogo. Faça este trabalho em locais abertos ou bem ventilados.

- Não aplique defensivos nas horas de sol quente.

- Não deixe crianças e animais perto das áreas onde está sendo feita a aplicação.

- Pessoas doentes não devem trabalhar com defensivos.

- Apesar de incômodo, use luvas, chapéu, máscara, botas, calças compridas e camisa de manga ou um macacão, sempre que estiver fazendo aplicação de veneno.

- Evite respingos ou derramamento de líquido quando abrir as embalagens de defensivos.

- Não coma, não beba e não fume durante as aplicações. Também não carregue alimentos para perto das lavouras tratadas.

- Mesmo que precise fazer apenas uma ligeira parada no trabalho, deixe todo material bem protegido em locais onde não possam acontecer acidentes.

- Não utilize máquinas ou

equipamentos com vazamentos ou qualquer defeito.

- Se o defensivo entrar em contato com a pele ou umedecer sua roupa, trate de lavar-se imediatamente com água e sabão e troque de roupa.

- Não use a boca para desentupir bicos ou qualquer orifício.

- Evite o contato do seu corpo com as plantas pulverizadas.

- Não percorra as lavouras recém-tratadas sem roupa de proteção.

- Limpe os equipamentos e todo material de proteção logo após a pulverização. Não deixe para mais tarde.

- Lave bem as mãos e o rosto com água e sabão antes de fumar, beber ou comer.

- Nunca guarde alimento ou água em embalagens vazias de defensivos.

- Não deixe embalagens vazias jogadas na lavoura ou perto de vertentes, açudes ou riachos. Queime estas embalagens, ou enterre-as bem fundo.

- Lave todo material de proteção (luvas, máscaras, roupas) antes de usá-lo novamente.

- Tome banho com bastante água e sabão logo após qualquer aplicação de defensivos.

- Não use remédios caseiros em caso de intoxicação. Procure imediatamente socorro médico.

- Não guarde os defensivos perto de alimentos ou rações, ou em locais onde exista umidade. Conserve-os longe de crianças e animais, guardando-os sempre em armários bem fechados.



# Manejo de pragas: mais saúde e economia

O manejo das pragas é um grande aliado do produtor interessado em preservar sua saúde e economizar em gastos com defensivos. Ficando de olho aberto para controlar a incidência de pragas e o estágio de desenvolvimento da lavoura, somente será preciso aplicar os defensivos quando realmente esta for uma medida imprescindível.

A primeira coisa que o produtor interessado em fazer o manejo precisa saber é sobre as épocas em que o ataque de pragas pode ser tolerado. É que dependendo do estágio de desenvolvimento da lavoura e ainda o número de insetos que estão atacando, não existe ainda comprometimento do potencial de produção da planta. O produtor inclusive precisará fazer uma contagem das pragas, usando para isto um "pano de batidas", que deve ter as dimensões de 80 centímetros de largura por um metro de comprimento.

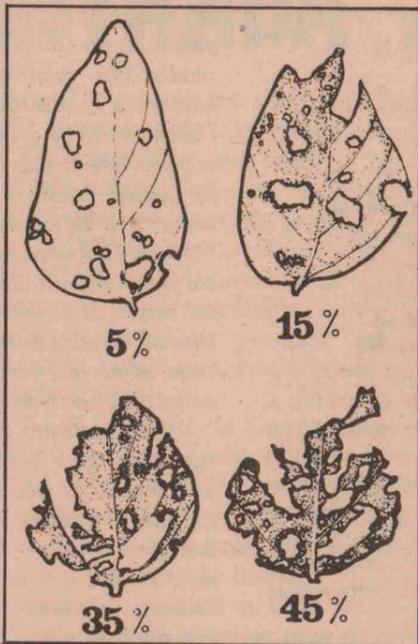
O pano deve ser colocado bem aberto entre duas fileiras de soja, e as plantas de cada fileira devem ser inclinadas sobre o pano, enquanto se bate firmemente nas plantas. Com estas batidas caem os percevejos e lagartas que estão nas folhas da soja, e estes insetos devem ser contados rapidamente.

## MATEMÁTICA

Para contar outra praga, a broca das axilas, não adianta o pano branco, porque a broca fica escondida dentro dos brotos da soja e não cai com as batidas. O produtor vai precisar contar o número de plantas que existem em dois metros de cada carreira de soja e depois conferir quantas plantas estão atacadas nestes mesmos dois metros. Depois da contagem será preciso apelar um pouco para a matemática, fazendo um cálculo de proporção de plantas atacadas. Se nestes dois metros forem contadas 50 plantas e as 50 estão com broca, o ataque é de 100 por cento. Se nestes mesmos dois metros, 20 plantas estão atacadas, o prejuízo é de 40 por cento. O cálculo basicamente é o seguinte: 20 plantas atacadas dividido por 50 plantas, é igual a 0,4 plantas, que multiplicado por 100, vai apontar o prejuízo de 40 por cento.

Além da contagem das pragas, o produtor deve acostumar o olho para determinar a porcentagem de desfolhamento na mesma área que está sendo observada. Com a prática fica cada vez mais fácil determinar este desfolhamento, que se apresenta mais ou menos como na ilustração apresentada nesta página.

Depois de tanta contagem, chega o momento de saber se realmente a aplica-



ção de defensivos é necessária. A recomendação técnica, baseada em pesquisas sobre este assunto, leva em consideração o número de pragas encontradas e o índice de desfolhamento, e ainda a fase de desenvolvimento da lavoura, se antes ou depois da floração. Esta recomendação considera apenas as lagartas que medem cerca de 1,5 centímetros de comprimento (ou aproximadamente a largura de um dedo).

## QUANDO APLICAR

Desta forma, a recomendação é que se aplique defensivos apenas quando:

– Forem encontradas mais de 40 lagartas ou 30 por cento de desfolhamento antes da floração.

– Forem encontradas mais de 40 lagartas ou 15 por cento de desfolhamento depois da floração.

– Mais de 30 por cento dos ponteiros estejam atacados pela broca.

– Existem mais de 4 percevejos por amostragem, isto na fase em que a planta já botou vagem.

Antes do surgimento da vagem é desnecessária a aplicação de defensivos para o controle de percevejos. É bom lembrar que o ataque de percevejos começa sempre na beirada das lavouras, que assim precisam receber uma atenção especial do produtor. Se forem encontrados mais de quatro percevejos, medindo cerca de meio centímetro de comprimento, é preciso aplicar defensivo apenas na faixa de lavoura que está atacada.

A vistoria da lavoura deve ser realizada pelo menos uma vez por semana, e se o número de pragas estiver perto do limite perigoso, é aconselhável repetir a vistoria das plantas pelo menos duas vezes por semana.

Quando a soja entra na fase de maturação, com o amarelamento e queda das folhas, não é mais preciso aplicar defensivo, mesmo que existam pragas na lavoura.



# Liberação de EGFs depende das normas do preço mínimo

De nada adianta querer realizar operações de EGF (Empréstimo do Governo Federal) para as safras de milho, sorgo ou soja, antes do mês de fevereiro. Pelo que se sabe, alguns agricultores tinham a intenção de adiantar o recebimento deste empréstimo por conta da comercialização das safras, lançando mão desta garantia antes mesmo da colheita, enquanto os EGFs apenas começam a ser liberados no mês em que passam a vigorar os preços mínimos estabelecidos pelo Governo.

Esta é uma orientação da CFP (Comissão de Financiamento da Produção), e não tem nada de novidade. A recomendação se baseia em normas de política oficial de preços mínimos, em vigor desde 1981, mas que volta a ser enfatizada agora, já que alguns produtores ainda desconhecem os mecanismos para a liberação dos EGFs. Estes empréstimos são uma garantia oferecida pelo Governo para que o produtor não comercialize suas safras por preços inferiores àqueles reconhecidos pelas próprias autoridades como os mínimos aceitáveis. Os EGFs, concedidos ao produtor também através do repasse da Cotrijuí, servem como capital de giro até que o associado decida realizar a comercialização, enquanto aguarda preços mais favoráveis.

## O MÊS DA CORREÇÃO

Mesmo que o produtor já tenha colhido sua safra, os empréstimos só passam a ser liberados no mês em que se encerra a correção dos preços mínimos baseada nos percentuais de aumentos do INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor). Antes desta data estabelecida, não existem recursos no mercado para este tipo de operação. Esta política entrou em vigor em 1981, quando o Governo passou a fixar um preço básico para alguns produtos agrícolas e introduziu a correção baseada no INPC, para só então definir os reais preços mínimos.

No caso da soja e do milho, por exemplo, o preço mínimo passa a valer a partir do mês de fevereiro, quando se encerra, de acordo com as orientações oficiais, o período de correção do preço básico destas culturas (veja na tabela abaixo).

Assim, apenas a partir de fevereiro deste ano é que a soja e o milho passam a ser amparados pela política oficial de garantia à comercialização. O mesmo acontece com o sorgo, que igualmente terá EGF a partir de fevereiro.

Mas nem todas culturas têm, é claro, comercialização aberta em fevereiro. O feijão da safra das águas, por exemplo, pode contar com empréstimos desde novembro, mês estabelecido pela CFP para que se inicie oficialmente a comercialização do produto. Antes de novembro, o feijão tinha apenas um preço básico, estabelecido em julho de 1982 juntamente com o de outros produtos das safras de verão. Seu preço mínimo, acrescido da variação do INPC até novembro, passou a Cr\$. 6.905,80, e é em cima deste valor que são calculadas as suas operações de EGF.

## VARIAÇÕES MENSAS

É assim também que o milho, com preço básico fixado em Cr\$. 1.392,00, terá este valor corrigido a cada mês, de acordo com as variações mensais do INPC. As correções começaram em agosto, quando o INPC para aquele mês ficou em 6,02 por cento, e continuaram em setembro, com 4,75; outubro, com 3,89; novembro, com 4,18; e dezembro, com 6,43 por cento. Com mais o INPC de janeiro, a ser ainda fixado, o preço do milho ficará finalmente atualizado, e a partir de fevereiro não sofrerá mais correção. O mesmo acontece com todos os outros produtos agrícolas amparados pela política de preços mínimos.

Em função destas normas é que os EGFs só serão liberados a partir do mês de início da comercialização, mesmo que o produtor tenha entregue antes a sua safra. O agricultor também pode utilizar uma AGF (Aquisição do Governo Federal), mesmo que tenha tomado anteriormente um EGF. Isto acontece quando depois de encerrado o período do contrato de EGF, o preço no mercado não supera o preço mínimo, e então a produção é entregue ao Governo. Esta transformação de EGF em AGF tem acontecido muitas vezes com o milho, que enfrenta problemas de comercialização em anos de safra cheia.

PRODUTO	PREÇO BÁSICO (Cr\$)	MÊS DA CORREÇÃO
Algodão em caroço (15 kg)	1.330,00	Fev/83
Amendoim em casca (25 kg)	1.222,00	Dez/82
Arroz em casca (50 kg)	1.900,00	Fev/83
Feijão (60 kg)	5.985,00	Nov/82
Girassol (40 kg)	1.130,00	Dez/82
Mamona (60 kg)	2.746,00	Abril/83
Milho (60 kg)	1.392,00	Fev/83
Soja (60 kg)	1.800,00	Fev/83
Sorgo (60 kg)	1.183,99	Fev/83
Trigo mourisco (60 kg)	1.320,00	Nov/82

# Cartão de crédito também serve para compras na loja



Compras nas lojas agora ficam mais fáceis

A mais recente novidade para os produtores de leite da Cotrijuí é o cartão de crédito, que desde novembro passado foi estendido também para as compras na loja. Produtores de soja e trigo já vinham contando com tal benefício há bastante tempo. Até então, os produtores de leite só tinham direito de utilizar o cartão apenas no mercado, na hora do rancho. De resto, se queriam fazer alguma compra na loja, se necessitavam de algum tarro de leite ou até de pneus, tinham de contar com a disponibilidade ou não da conta ACC (Associado Conta Corrente).

Mas o critério adotado para a liberação de crédito na conta ACC está limitado a 80 por cento do capital integralizado pelo associado, menos as dívidas vencidas. "Destá forma", explica o Francisco Azambuja, chefe administrativo da Unidade de Ijuí, "o produtor de leite quase nunca tinha condições de comprar em outros setores além do mercado da Cooperativa".

Uma das razões, segundo o Francisco Azambuja, que levaram a Cooperativa a estender os benefícios do cartão de crédito também para os produtores de leite, foi a constatação de que muito associado da região está vivendo quase que exclusivamente da produção leiteira. "A dependência do leite é muito grande", diz o Azambuja, e outra razão é o simples fato de que o produtor também precisa de roupas, calçados, eletrodomésticos, além do rancho mensal.

### OPERAÇÃO À VISTA

Com a nova sistemática, todo o produtor de leite que quiser utilizar o cartão de crédito fora do mercado, ou seja, para comprar roupas ou ferragens, só tem que pegar no mercado um cheque avulso, com o crédito disponível (a quantia que pode gastar).

Qualquer compra pelo cartão de crédito é uma operação à vista, embora o desconto só seja feito no final do mês. "O procedimento é o mesmo de quando o cartão só podia ser usado no mercado. Todo o gasto feito em compras só será descontado do produtor na hora do fechamento da nota do leite", diz o Azambuja. Somente na emissão dos recibos é que os valores gastos em mercados e lojas serão descontadas do valor do leite.

O cartão de crédito tem o seu valor fixado em 50 por cento do valor líquido da nota do leite correspondente ao mês anterior. "É o leite entregue no mês que passou que vai gerar crédito para o mês seguinte", explica o Azambuja. Se em dezembro, por exemplo, o valor líquido da nota de um produtor ficou em Cr\$ 30 mil, o valor creditado para ser gasto na loja e mercado durante o mês de janeiro será de Cr\$ 15 mil.

### REAJUSTE NO CRÉDITO

Os 50 por cento do valor líquido da nota são creditados no cartão, e é isto o que o produtor pode gastar durante todo o mês. Desse limite ele não deve passar, a não ser em alguns casos especiais, em que pode solicitar um reajuste no crédito. "Este reajuste", explica o Azambuja, "só vai acontecer quando o produtor precisar fazer alguma compra de valor superior ao que tem creditado, mas comprovar que a produção daquele mês será superior à do mês anterior. Fora isso, em mais nenhum caso o produtor pode gastar além do que está creditado em seu cartão".

O crédito do produtor será suspenso se, por uma razão ou outra, ele deixar de entregar a produção. No mês em que normalizar a entrega, volta novamente a ser beneficiado com o cartão de crédito.

# A razão dos atrasos

A rotação de até 90 dias para o retorno do dinheiro das vendas dos subprodutos do leite até a Cooperativa Central Gaúcha de Leite e, conseqüentemente, até as suas cooperativas filiadas, mais os juros elevados e a dificuldade de se obter crédito junto aos bancos, é a justificativa do Iriné Roberto, responsável pelo setor de leite da Unidade de Ijuí, para o certo atraso que vem ocorrendo no pagamento do leite.

O pagamento do mês de novembro, para os produtores da Cotrijuí, só saiu em 21 de dezembro, gerando um certo descontentamento. "A Cotrijuí", explica o Iriné Roberto, "sempre procurou manter o seu pagamento em dia, nunca passando do dia 15 de cada mês". Ocorre que nos últimos meses, dado as dificuldades de crédito junto aos bancos, e a quantia cada vez mais significativa de dinheiro envolvido na produção (são 3.300 produtores na Região Pioneira que recebem por volta de Cr\$ 90 milhões por mês), a CCGL não conseguiu repassar o dinheiro antes do dia 21. A Cotrijuí, por sua vez, não teve também condições de efetuar o pagamento dentro do prazo fixado. "Recorrer a empréstimos, de um lado beneficia o produtor, porque passa a receber sempre em dia, mas do outro tem os juros altos, que vão correr por conta da Cooperativa".

As dificuldades de crédito também afetam a CCGL, segundo o Iriné, "que só não envia o dinheiro dentro do pra-

zo fixado, porque suas vendas não são à vista. A Central também enfrenta problemas de recebimento pelas vendas de seus subprodutos, como queijos e natas, e este dinheiro só entra em 30, 90 ou até 180 dias".

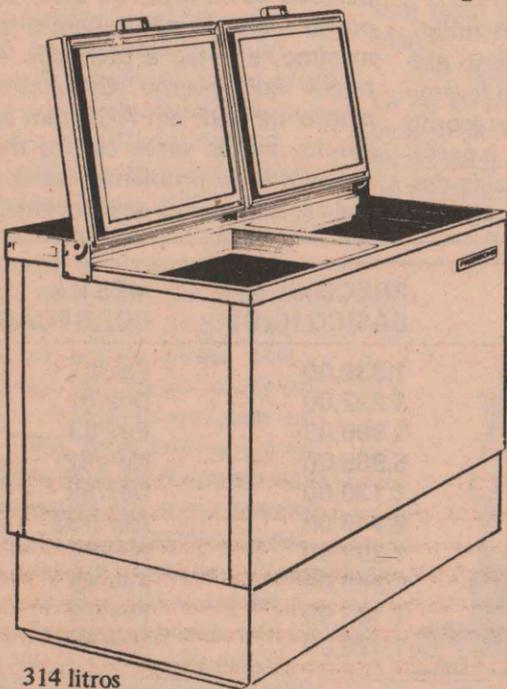
### NENHUMA COOPERATIVA

Considerando todas estas dificuldades, como falta de crédito, juros altos, o Iriné não acredita que alguma cooperativa filiada esteja em condições de pagar o leite com recursos próprios. Só se estiver pegando dinheiro por fora, em bancos, e arcando com os juros elevados".

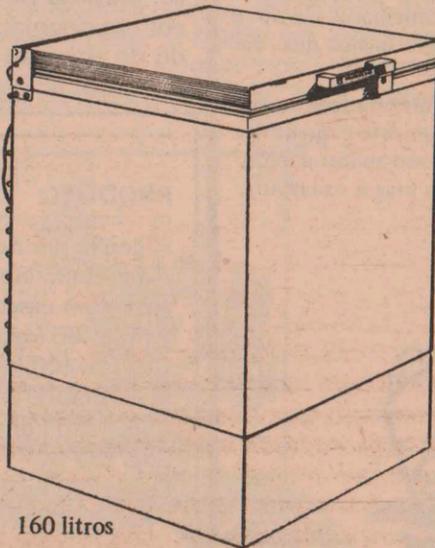
Mesmo assim, o Iriné não vê motivos para os produtores se desesperarem, pois segundo ele, "até cinco dias não é um atraso tão grande". Ao mesmo tempo ele reconhece que o justo seria o produtor receber sempre em dia, "e com dinheiro da venda do seu produto, e não de empréstimos". O Iriné garante que as próprias Cooperativas filiadas já estão ficando preocupadas com o que vem ocorrendo, e estão procurando uma forma de amenizar esta situação. "Sempre que as cooperativas recebem o dinheiro do leite, logo e repassado ao produtor. O mesmo tem acontecido com a Cotrijuí. Se o dinheiro entra no dia 21, naquele mesmo dia o produtor começa a receber".

**PROSDÓCIMO**  
REFRIGERAÇÃO  
PARANÁ S.A.

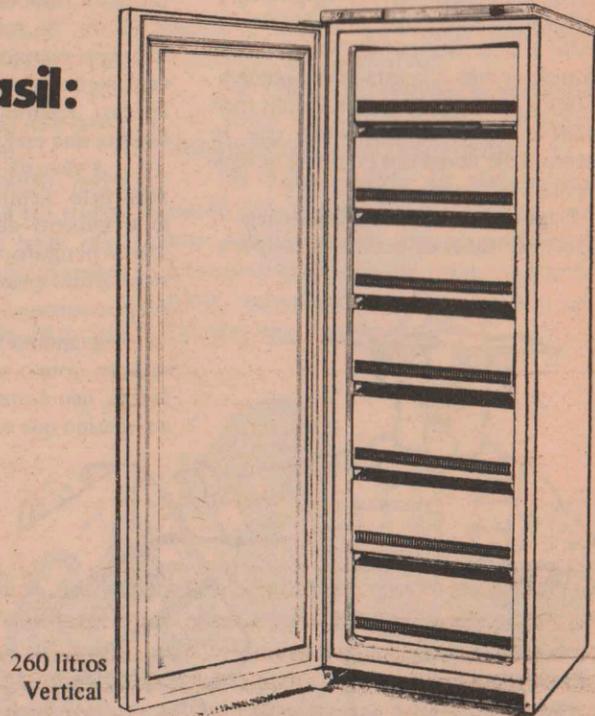
O primeiro congelador do Brasil:  
fabricado desde 1957.



314 litros



160 litros



260 litros  
Vertical

Estes e outros modelos de  
Congeladores Prosdócimo  
estão à venda nas Lojas Cotrijuí

# O CONTROLE DA PRODUÇÃO REGISTRADA NO DIA-A-DIA

A idéia de emitir um recibo demonstrativo da entrega diária da produção de leite já vinha sendo cogitada pela Cooperativa há um certo tempo, mas foi somente a partir do mês de novembro que os produtores passaram a receber este demonstrativo. Impresso em papel azulado, o recibo traz todo o movimento diário da produção entregue, o total de leite bom, do leite ácido ou do leite condensado, e mais ainda os descontos de cartão de crédito, do Departamento de Crédito e dos fretes 1 e 2.

A demora para a emissão do recibo aconteceu porque as mudanças que implicariam na implantação

da nova sistemática não poderiam ser feitas de uma hora para a outra. "Para emitirmos este recibo", comenta o Iriné Roberto, responsável pelo setor de leite da Unidade de Ijuí, "precisaríamos alterar toda a mecânica de recebimento de leite, desde a pintura dos tarros coletivos, pois mudaram os números, até o próprio sistema de informações do computador".

A intenção da Cooperativa é que o produtor tenha em mãos, no final de cada mês, não apenas a quantia total de litros de leite entregue, como vinha acontecendo, mas um demonstrativo diário. "O que queremos", explica o Iriné Roberto, "é facilitar as coisas para o produtor. De posse do recibo, ele tem condições de conferir os dados com as anotações que possui em casa. Se houver erro, ele tem o direito de reclamar".

### EVITAR TRANSCRIÇÕES

A emissão do recibo demonstrativo procurar reduzir um pouco os problemas que vinham ocorrendo pelas tantas transcrições de informações, de uma planilha para outra, que o processo anterior exigia. De acordo com o Iriné, a primeira transcrição, para os casos de entrega coletiva, acontecia na pro-

priedade do produtor. Mais tarde, essas informações coletadas eram "passadas a limpo" em outra planilha, para serem digitadas pelo computador. Em caso de entregas individuais, o número de transcrições não era menor. Começava na propriedade, depois era passado para outra planilha, e daí transmitido para o computador. "Neste processo todo, existiam duas transcrições de planilha e mais a digitação. Tanta transcrição criava uma confusão grande e muita troca de números", diz o Iriné.

A partir da nova sistemática, as informações coletadas na propriedade (total de litros de leite entregue por dia) são transcritas diretamente da planilha para o computador. "Assim, estamos eliminando muitos erros e trocas de números, que muitas vezes traziam prejuízos para o produtor e até para a cooperativa".

Além do demonstrativo diário da produção de leite entregue durante o mês, dia por dia, e dos descontos, o recibo traz ainda o valor bruto da nota e o líquido (ver exemplo abaixo). Na nota que acompanha o recibo, aparecem os descontos de capital, Funrural, custo e aluguel de tarros (caso de entrega coletiva).

### PARA ESCLARECER

O produtor da Linha 25, em Ajuricaba, seu Abrelino Bandeira, encara o recibo demonstrativo como uma forma de esclarecer melhor o produtor. Diz ele:

— Ninguém pode reclamar desta nova sistemática, pois ela veio nos deixar a par da produção que vendemos. Tem coisa melhor do que ser informado do movimento diário da produção?

A emissão do recibo, segundo o seu Abrelino, vem ao encontro muito mais dos interesses da própria Cooperativa do que do produtor, já que a intenção é eliminar os problemas que vinham acontecendo e resultando em números trocados.

— Até comigo aconteceu de

aparecer leite ácido, quando, pelas minhas anotações, tinha dado leite bom. Por isso apareciam muitas reclamações por parte dos produtores, e o demonstrativo vem aliviar um pouco o pessoal da cooperativa. O produtor também terá mais facilidade de conferir a produção, e até reclamar quando houver algum erro.

### SÓ DESCONTOS

Quem não gostou nenhum pouco do recibo foi a dona Maria Jurema Cecatto, de Salto, Ijuí, que entrega 78 litros de leite, dia sim e dia não, já que o freteiro não passa todos os dias. Segundo a dona Maria Jurema, o recibo é uma forma de dar mais descontos para o produtor.

— Prá mim não veio melhorar em nada, só trazer mais descontos. Não tem explicação o que está acontecendo. A gente pensa que vai receber uma quantia, e recebe outra bem menor. Nem a soja ou o trigo, têm tanto desconto como o leite. E agora mais um papel, só para tirar mais do produtor.

Para a dona Nilva Alzani Galli, de Dr. Bozano, Ijuí, pouca coisa ou quase nada vai mudar com o recibo. O que tem de bom é que o produtor fica sabendo do movimento diário da produção entregue, mas no mais fica tudo do mesmo jeito.

— Quando aparece algum erro, que não fecha com as nossas anotações, nem adianta reclamar. E do mesmo, sem o recibo, sempre fiz o controle em casa e sempre falta algum dinheiro no fim do mês.

Já dona Albinã Manchini, de Dr. Bozano, Ijuí, conhecia este tipo de recibo, pois segundo ela "a cooperativa de Cruz Alta há muito que utiliza". Ela gostou da sistemática, porque o produtor pode conferir, dia por dia, a produção entregue. Conta que até ficou admirada, quando em dezembro olhou o recibo correspondente a produção do mês de novembro e, ao conferir os dados, deu em cima. Nem faltou e nem sobrou.



Abrelino Bandeira: a par da produção



Albina Manchini: conferiu e deu certo



Nilva Galli: não muda em nada

 <b>COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.</b> RUA DAS CHACARAS, 1513 - SUBÚRBIO SUL - JUI - RS. C. P. III - FONE: (055) 332-2400 - CGC 90.726.506/0001-75 TELEX: 0552199 CRTS - 0552256 CRTS.										<b>RECIBO DE PAGAMENTO DE LEITE</b> UNIDADE / POSTO: 001+ IJUI					Nº 996 DATA 15/12/82		
NOME: <b>REINOLDO BECKER</b>										MATRÍCULA: 1964.03 CCGL: 12+0091/75							
PRODUÇÃO LITROS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
LEITE BOM	48,0	0,0	45,0	46,0	46,0	40,0	0,0	46,0	44,0	50,0	48,0	40,0	45,0	44,0	36,0	41,0	40,0
LEITE ACIDO	0,0	49,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
LEITE COND.																	
PRODUÇÃO LITROS	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	TOTAL		
LEITE BOM	42,0	0,0	35,0	38,0	34,0	35,0	34,0	35,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	912,0		
LEITE ACIDO	0,0	34,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	83,0		
LEITE COND.															00,0		
LÍQUIDO DA NOTA Nº 173025										27.375,89		RECEBÍ O VALOR LÍQUIDO					
(-) DESC. CARTÃO DE CRÉDITO: 00,00										FR.1 3.811,48							
(-) DESC. DECRÉ: 00,00										FR.2 1.824,00							
(-) ARRED. CRED. EM CONTA: 00,41										5.635,48							
TOTAL DOS DESCONTOS:										5.635,48							
LÍQUIDO A PAGAR:										21.740,00		DATA _____ ASSINATURA _____					

## Premiados no concurso passam uns dias na praia



O grupo reunido na frente da Colônia de Férias

Os estudantes classificados no concurso de redações e desenhos promovidos pela Cotrijuí para marcar a passagem dos 25 anos de fundação da Cooperativa, foram desfrutar seu prêmio na praia do Cassino, em Rio Grande. Os primeiros colocados em todas as séries do primeiro e segundo grau, entre as escolas de cada município da área de ação da Cotrijuí na Região Pioneira, ganharam de prêmio, além de livros e camisetas, esta excursão até a praia, com hospedagem na Colônia de Férias da Cooperativa. Também foram sorteadas duas bolsas de estudos, uma para o segundo grau e outra de um curso universitário.

O veraneio em Cassino durou de 18 a 23 de dezembro, e teve a participação de boa parte dos estudantes classificados, que também tinham direito de levar um acompanhante na viagem. Eles lotaram quatro ônibus e passaram bons momentos de lazer durante todo passeio. Além da praia do Cassino, onde desfrutaram de um curto veraneio, os participantes puderam conhecer ainda o Terminal Marítimo Luiz Fogliatto, construído pela Cotrijuí, o Museu Oceanográfico e os molhes da barra, tudo em Rio Grande, e foram visitar os lugares históricos da cidade de São José do Norte.



Uma das visitas foi ao terminal marítimo da Cotrijuí

## Transferência de animais só com atestado sanitário

A transferência de bovinos, eqüinos, caninos e aves para fora do Rio Grande do Sul, em direção a qualquer estado do Brasil, deverá ser acompanhada de atestado sanitário (exames de brucelose, tuberculose e vacinas contra raiva e new castle).

O alerta é do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí — Setor de Veterinária — e serve para esclarecer o pessoal responsável pela transferência de animais para que providencie estes atestados pelo menos 60 dias antes do embarque. Quem não cumprir o prazo, pode sofrer multas e até mesmo a apreensão dos animais, isto sem contar no atraso que acontecerá no embarque.

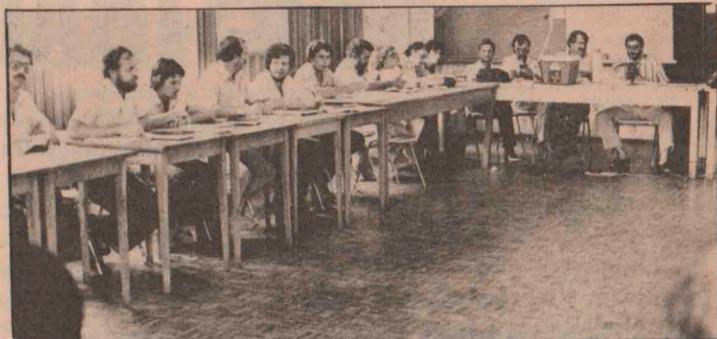
Estes atestados podem ser obtidos junto ao setor de Veterinária da Cotrijuí, que é credenciado pelo Ministério da Agricultura para a expedição do documento.

## Técnicos: avaliação do ano e planos de trabalho para 83

Os resultados da busca da diversificação, da produção leiteira e dos cuidados com o solo na Região Pioneira; os planos para aprimoramento do rebanho ovino em Dom Pedrito; e as propostas para um maior intercâmbio entre o Mato Grosso do Sul e as demais regiões de ação da Cooperativa. Estes foram alguns dos assuntos debatidos no encontro de final de ano, promovido pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, dia 29 de dezembro em Ijuí.

A reunião, coordenada pelo diretor do Departamento, Renato Borges de Medeiros, teve também a participação do diretor do Departamento de Comunicação e Recursos Humanos, Ruy Polidoro Pinto. Foi o primeiro encontro a congregarem simultaneamente o pessoal da área técnica da Cooperativa em suas três regiões de atuação no Estado e em Mato Grosso do Sul e também funcionários que atuam na Comunicação e Educação.

Durante todo o dia, fo-



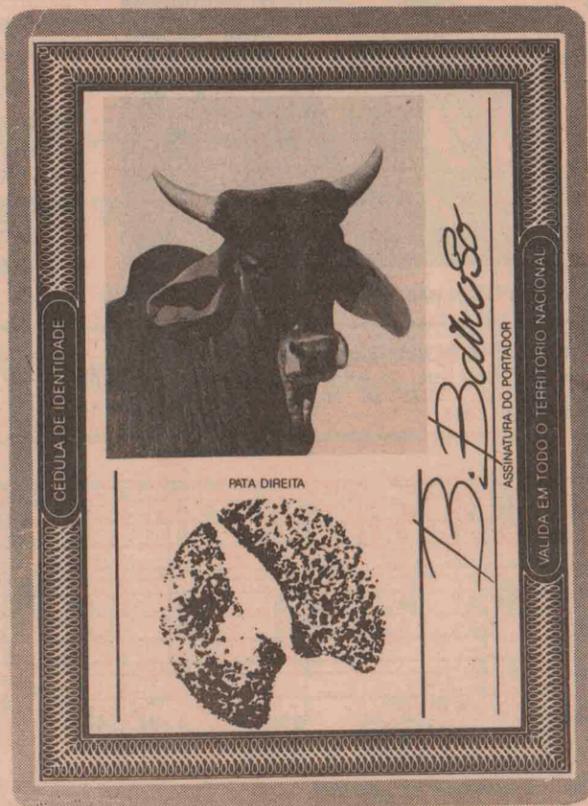
Dificuldades não podem comprometer os projetos prioritários

ram avaliados os trabalhos desenvolvidos em todas as áreas da Diretoria Agrotécnica, com análises da comercialização de sementes, produção de leite, hortigranjeiros, alternativas de inverno. Os responsáveis por cada uma dessas áreas relataram a execução de projetos específicos, que abrangem também a suinocultura, o gado de corte, a preservação e recuperação do solo, as atividades do CTC (Centro de Treinamento) e, é claro, o comportamento das safras de soja, milho, trigo.

Também os técnicos das unidades fizeram um relatório

dos trabalhos desenvolvidos em 82, avaliando não só os resultados da assistência prestada no dia-a-dia aos produtores, mas os retornos nem tão imediatos, como as respostas econômicas de cada área. No final da reunião, os diretores Renato Borges de Medeiros e Ruy Polidoro Pinto assinalaram que as dificuldades enfrentadas em 82 não podem comprometer projetos prioritários traçados para 83. Eles também salientaram que, a partir de agora, haverá uma maior integração entre o pessoal ligado as duas diretorias.

# Brasileiro, solteiro, vacinado.



As Vacinas Irfa imunizam os rebanhos contra a febre aftosa, garantindo saúde aos animais e maiores lucros ao criador.

É um produto totalmente gaúcho, com a qualidade e eficiência Irfa.

Prestige o que é nosso.



**Vacinas Irfa**  
Instituto Riograndense  
de Febre Aftosa

# BNCC ESTUDA NOVAS PROPOSTAS DE CAPITALIZAR AS COOPERATIVAS

Está faltando ao sistema cooperativo brasileiro um instrumento institucionalizado de capitalização do setor, que permita garantir a disponibilidade de recursos financeiros de uma forma constante e segura. Esta colocação é de Byron Coelho, presidente do BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo), que esteve em Ijuí no dia 15 de janeiro para uma reunião com as cooperativas que são clientes do Banco na área atendida pela agência instalada em Ijuí (que atinge deste Itaqui, até Santa Rosa, Três Passos e Santa Bárbara do Sul).

A reunião foi realizada no auditório da Cotrijuí e fez parte de um roteiro de viagens, classificado por Byron de "maratona", em que a diretoria do Banco pretende conversar com as cooperativas e obter informações sobre a própria atuação do Banco. No Rio Grande do Sul, esta maratona compreendeu reuniões em Porto Alegre, Ijuí, Passo Fundo e Bagé, cidades onde estão instaladas agências do BNCC no Estado. Mas o roteiro também prevê reuniões semelhantes em todos estados do País onde existam agências do Banco. Além de Byron, participaram da reunião em Ijuí o vice-presidente, Yasuchi Okimura; o superintendente geral de crédito, Jair Nisio; e o diretor regional para o Rio Grande do Sul, Norberto Göhl.

## CONSENSO SOBRE CAPITALIZAÇÃO

O Banco, segundo o seu presidente, está estudando formas de permitir esta capitalização institucionalizada do setor, mas antes de formular qualquer proposta pretende encontrar um consenso e pelo menos abrir o debate sobre o assunto. Byron exemplificou, inclusive, lembrando que o BNH (Banco Nacional de Habitação) tem uma fonte permanente de recursos financeiros, que é o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Toda empresa brasileira recolhe mensalmente uma quantia proporcional ao salário de cada empregado e deposita no BNH, que utiliza estes recursos para a construção e financiamento de habitações urbanas.

O problema da capitalização das cooperativas foi o assunto predominante da reunião, exatamente porque o setor enfrenta uma séria crise financeira e aguarda medidas oficiais que possam reduzir o problema. Mas além desta questão, as cooperativas também colocaram a necessidade de criação de linhas de crédito para a comercialização do produto. Abordaram ainda sobre a possibilidade de contar com o BNCC no sentido do Banco dar uma carta de fiança nas operações de compra e venda de produtos, especialmente da soja. Um dos participantes da reunião, lembrando a instabilidade e mesmo irresponsabilidade de muitas empresas mercantis que operam no setor, chegou a colocar

uma indagação: "Qual a cooperativa que vende com absoluta confiança, e qual a indústria que compra com absoluta confiança?" O Banco ficou de estudar a questão e definir a viabilidade deste tipo de operação.

## PARCEIROS NA RESPONSABILIDADE

A reunião ainda serviu para Byron Coelho fazer algumas colocações sobre o trabalho desenvolvido pelo BNCC, que em cinco anos — desde 1978 — aumentou em 30 vezes o volume de recursos colocados à disposição das Cooperativas. Ele também falou de uma nova filosofia de atuação, que dá ênfase à descentralização de recursos, tentando atingir o maior número possível de cooperativas.

O BNCC é um Banco do Governo e das cooperativas, que são acionistas minoritárias, criado exatamente para financiar o desenvolvimento do setor. Por esta razão, segundo seu presidente, a instituição financeira e as entidades cooperativas, antes de serem antagonicas são complementares:

— Somos parceiros e vocês têm também a responsabilidade pelo trabalho desenvolvido pelo Banco, que é a razão da sua existência.

Este tipo de reunião, de acordo com Byron, pode ser classificada como "uma nova abertura, uma nova modalidade de discutir nossos problemas, desobstruir canais de comunicação com a direção do Banco". Dentro deste tipo de proposta, ele também convidou as direções das cooperativas para participarem da próxima Assembléia do BNCC, marcada para março, onde devem ser tomadas novas decisões sobre a atuação da instituição financeira.

## O FECHAMENTO DO POSTO

A necessidade de reduzir custos "por imposição orçamentária", é a justificativa da direção geral do Banco Nacional de Crédito Cooperativo S/A (BNCC), para o fechamento do posto de serviços que vinha funcionando junto a sede administrativa da Cotrijuí, em Ijuí.

Instalado em 18 de março de 1981, o posto de serviço do BNCC, de início, funcionava nos moldes de uma subagência, recebendo depósitos em dinheiro ou cheque movimentados nas lojas e mercado da Cooperativa, realizando o pagamento da folha dos funcionários e o pagamento do leite aos produtores. Até antes do fechamento, o posto praticamente, vinha realizando apenas o pagamento do leite.

O posto de serviços do BNCC encerrou suas atividades junto a Cotrijuí, em 17 de dezembro de 1982, quase 20 meses depois de ter sido inaugurado pelo então presidente, Toschio Shibuya.

# Os melhores do prêmio produtividade em Ijuí

Quatro produtores rurais de Ijuí, Helmuth Guth, da Linha 6 Leste; Modesto Dalla Rosa, de Colônia Santo Antônio; Sadi Reimann, de Coronel Barros; e Ângelo Vieira, de Santa Lúcia, receberam no final do mês de dezembro o prêmio produtividade rural. Eles foram escolhidos à nível municipal, no concurso promovido em todo o país pelo Ministério da Agricultura e Instituto Na-

cional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Os premiados receberam dos promotores do concurso um diploma, uma medalha e um cheque no valor do Imposto Territorial Rural e ainda mais uma medalha oferecida pela agência local do Banco do Brasil. A entrega dos prêmios aconteceu no dia 15 de dezembro, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Ijuí.



Ângelo, Sadi, Modesto e Helmuth, os premiados

# As datas de todas Feiras do Terneiro

As datas das diversas etapas da "XI Feira do Terneiro Riograndense", promovida pela Secretaria da Agricultura do Estado, já estão definidas. A Feira começa em abril, na cidade de Rosário do Sul, e encerra em julho, em Cruz Alta. Ijuí será o 22º município (ver calendário abaixo) a realizar a Feira, que acontece de seis a oito de junho.

As inscrições para a venda de animais vão até o dia primeiro de março, enquanto que as inscrições para a compra poderão ser feitas em duas datas diferentes. Para participar da Feira de número um até a 16 (a de Cachoeira do Sul), as inscrições encerram em 10 de

março. As inscrições para a compra na Feira número 17 (a ser realizada em Santa Vitória do Palmar) até a 32, encerram em três de maio.

O produtor que quiser participar de qualquer uma das etapas da Feira, poderá fazer a sua inscrição junto ao Departamento Técnico da Cotrijuí, nos Sindicatos dos Empregadores Rurais, ou ainda nas Inspetorias Zootécnicas.

A grande novidade desta Feira, é que os lotes serão formados por um número máximo de 25 terneiros e, no mínimo de 15 terneiros de um mesmo proprietário. Desta forma, a própria comercialização dos animais ficará mais fácil.

## CALENDÁRIO DA XI FEIRA DO TERNEIRO RIOGRANDENSE

Rosário do Sul . . . 18 a 20.04	S. Vit. do Palmar . . 25 a 27.05
Alegrete . . . . . 21 a 23.04	Pelotas . . . . . 26 a 28.05
Santiago . . . . . 25 a 27.04	São Borja . . . . . 30/05 a 1º.06
Camaquã . . . . . 27 a 29.04	São Gabriel . . . . . 1º a 03.06
Rio Pardo . . . . . 02 a 04.05	Lagoa Vermelha . . 02 a 04.06
S. Lour. do Sul . . . 04 a 06.05	Ijuí . . . . . 05 a 08.06
Encruz. do Sul . . . 05 a 07.05	Santa Maria . . . . . 09 a 11.06
Palm. das Missões . 07 a 09.05	Itaqui . . . . . 13 a 15.06
Jaguarão . . . . . 10 a 12.05	Santo Ângelo . . . . 15 a 17.06
S. Franc. de Assis . 12 a 14.05	São Pedro do Sul . . 16 a 18.06
S. Luiz Gonzaga . . 16 a 18.05	São Sepé . . . . . 20 a 22.06
S. do Livramento . 17 a 19.05	S. Ant. das Missões 22 a 24.06
Caçapava do Sul . . 18 a 20.05	S. Ant. da Patrulha 23 a 25.06
Bom Jesus . . . . . 19 a 21.05	Lavras do Sul . . . . 27 a 29.06
Bagé . . . . . 23 a 25.05	Carazinho . . . . . 29/06 a 1º.07
Cachoeira do Sul . . 24 a 26.05	Cruz Alta . . . . . 04 a 06.07



Byron Coelho conversou com dirigentes de cooperativas





# OUTRO AVANÇO NA ÁREA FEMININA

Já faz meio ano que o trabalho de comunicação e educação na unidade de Chiapetta passou a atingir mais de perto a família dos associados e também dos funcionários da Cotrijuí. Desde julho do ano passado vem sendo realizado um trabalho específico com as esposas e filhas de associados e funcionários, complementando assim uma atividade iniciada em 1976, quando foi implantado o setor de Comunicação e Educação na Unidade. As reuniões de núcleo não são mais novidade para os homens, mas agora a discussão sobre a cooperativa também passa a existir em encontros específicos de mulheres, onde se aproveita também para debater os problemas das comunidades e a maneira de solucioná-los de uma forma cooperativa.

"Os objetivos do trabalho de comunicação e educação", como conta Iria Michalski, que assumiu esta função junto aos núcleos femininos, "estão ligados à família, visando a auto-promoção humana e também propiciar condições para que a esposa e a filha do associado se integrem mais efetivamente ao processo cooperativo, valorizando assim o trabalho da mulher". De acordo com a Iria, a comunicação não tem a função específica de levar informações, mas sim fazer com que a comunicação aconteça nos núcleos, com as pessoas se encontrando, conversando e trocando idéias.

## A INFORMAÇÃO E A TÉCNICA

O trabalho em Chiapetta é desenvolvido da mesma forma como acontece nas demais unidades onde estão formados núcleos femininos pela cooperativa. Além de uma parte prática, com receitas de culinária,

cursos de costura, pintura em tecido, crochê, etc, existem momentos específicos para informações técnicas sobre educação, alimentação, higiene, saúde, etc. As reuniões são mensais, e também incluem assuntos com administração e organização familiar, educação cooperativa, educação do consumidor, preparo, conservação e valor nutritivo dos alimentos.

Até o momento foram formados quatro núcleos de esposas e filhas de associados, além de dois núcleos que reúnem esposas e filhas de funcionários da unidade. No total são cerca de 120 mulheres que têm acompanhado o trabalho desde junho do ano passado. Para elas, as reuniões estão sendo bem aceitas e são de muita validade, como se vê em alguns depoimentos sobre o assunto.

No núcleo de Maurício Cardoso, deram sua opinião Frida Estopilha, Cleci Estopilha, Ladir Estopilha e Nadir Botega. Segundo elas, o importante é que as moças se interessem pelas reuniões, pois elas assumem o trabalho da casa enquanto o resto da família vai trabalhar na lavoura. É por esta razão que consideram muito válida a parte sobre alimentação que vem sendo desenvolvida nas reuniões. Além disso, o trabalho da comunicação vem permitindo entrosamento e união entre as moradoras do núcleo, através da troca de idéias e aprendizagem, e por esta razão as tardes em que ficam discutindo os assuntos não são horas perdidas. Dona Frida, por exemplo, é da opinião que está valendo mesmo a pena participar, "pois sempre há alguma coisa para aprender".

## LAZER E APRENDIZAGEM

Sobre as reuniões no núcleo de

Esquina Chiusa, deram a sua opinião Sueli, Inês e Carmem Chiusa. Elas já tinha experiência semelhante, através de um trabalho desenvolvido há três anos pela Emater na localidade. Mas desde a formação do núcleo cooperativo elas notaram que ficou mais fácil debater com a família os assuntos da Cotrijuí. Segundo elas, "o próprio fato de nos encontrarmos com as amigas é importante, pois naqueles momentos esquecemos os problemas que existem em casa. É um momento de lazer e aprendizagem". Para as participantes do núcleo de Esquina Chiusa, o trabalho também mostrou sua validade no Encontro de Integração promovido pelo setor de comunicação e educação no dia 30 de novembro, em Ijuí, que foi também uma oportunidade para discutir a aposentadoria da mulher rural e melhoria na previdência. Os assuntos mais interessantes abordados nas reuniões de núcleo, no seu entender, são aqueles ligados à alimentação e saúde, além dos cursinhos que contribuem para a economia da família.

Já para Rosane Colling, Maria Oliva Rosa e Eva Rochinheski, do núcleo de São José, estas reuniões são "a melhor coisa que poderia acontecer para as esposas e filhas de associados, pois é a oportunidade de todas participarem". Segundo elas, a própria união é importante, pois faz a força do grupo, e estes encontros servem de base para se iniciar esta união. As integrantes do núcleo de São José inclusive perceberam que é grande a participação das mulheres nestas reuniões, enquanto não acontece o mesmo com os homens, que comparecem em número bem menor nos encontros dos núcleos. Os assuntos considera-

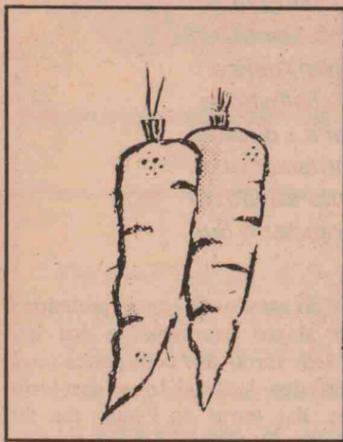
dos de maior interesse estão relacionados com a alimentação e saúde, "pois temos na horta e no pomar alimentos que muitas vezes não sabemos como aproveitar".

## MAIS IDÉIAS EM CONJUNTO

No núcleo de São Judas, as 13 participantes dos encontros acham que foi "com o incentivo da cooperativa e o nosso interesse que formamos o núcleo. Nos reunimos e debatemos em conjunto, e assim há mais idéias. Para quem nunca tinha participado anteriormente de reuniões esta é agora a oportunidade". As reuniões, segundo elas, estão sendo realmente válidas, e as horas que dedicam aos encontros mensais não é considerado um tempo perdido. No seu entender foi grande o aproveitamento, por exemplo, do curso de pintura em tecido já realizado no núcleo.

Cleci Maroski, Ilze Welter, Nair Chagas e Dinorá Cavinatto são esposas de funcionários da cooperativa em Chiapetta e também estão participando de reuniões coordenadas por Iria Michalski. Elas entendem "que as reuniões são válidas para qualquer grupo que queira participar, aprender e discutir alguma coisa além de lavar roupa e cuidar da casa. A gente se conhece melhor e uma tenta ajudar a outra no que for possível. Vale a pena as mulheres se reunirem, pois as que participam ativamente são muito unidas e trocam idéias, embora existam aquelas que pouco se interessam por esta oportunidade de conhecer as demais esposas de funcionários". Na sua opinião, os assuntos de maior interesse são os que tratam de alimentação, saúde e família, enquanto os cursinhos realizados estão tendo grande aproveitamento.

# A LAVOURA NO MÊS



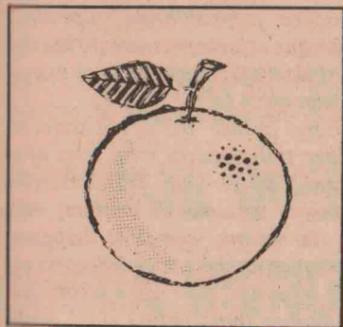
## HORTALIÇAS DIVERSAS

No mês de janeiro, muito pouco, ou quase nada, se planta nas hortas caseiras. Mas esta tradição pode ser quebrada, já que atualmente existem variedades de quase todas as espécies que se desenvolvem perfeitamente em períodos quentes, desde que se tome algumas precauções de proteção às plantas.

As alfaces Kograner e Maravilha de Verão, se bem irrigadas, produzem bem no verão. A cenoura Kuroda Nacional, igualmente tem bom desenvolvimento e o repolho Matzukaze também tem produzido bem.

O importante na produção de hortaliças, a partir desta época, é que as mudas sejam produzidas com um pouco de sombreamento. A partir do transplante, quando começa o desenvolvimento das hortaliças, é necessária uma irrigação regular.

A alface deve ser semeada diretamente no canteiro, desbastando-se o excesso de plantas, para que possa se desenvolver perfeitamente.

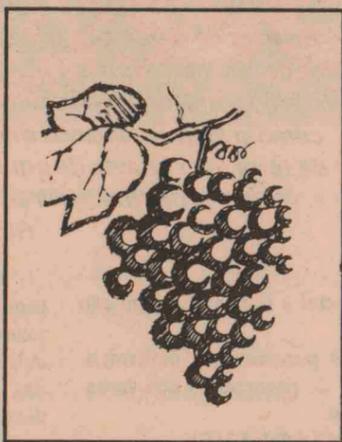


## CITRUS

O desenvolvimento de laranjeiras, limoeiros e bergamoteiras tem sido normal nesta época do ano e a umidade tem sido suficiente para o crescimento e produção das plantas.

O período de janeiro e fevereiro é adequado para tratamentos contra ácaros, que sempre dão um aspecto queimado às frutas. Este tratamento é recomendado somente para a produção que se destina à comercialização, já que deixa as frutas com bom aspecto.

Para pomares caseiros, a recomendação do Departamento Técnico, caso as chuvas se escasseiem muito, é o uso de irrigação por gotejamento. (Ver informação na página 6).



## POMAR DOMÉSTICO

**Pêssego** - A colheita do pêssego na região já está encerrada. A partir de agora, diminuem bastante as preocupações com os pessegueiros, que ficam em descanso e em pleno desenvolvimento, sem exigir novas operações.

**Videira** - A colheita da uva ocorre neste período, mas ainda podem surgir algumas doenças que prejudiquem a produção. O tratamento das plantas em época de colheita deve ser feito com muita cautela, para evitar qualquer prejuízo à saúde. Os produtos à base de cobre, apesar de pouco tóxicos, também exigem certos cuidados.

**Figueira** - A figueira é normalmente uma planta muito produtiva, porém dois aspectos podem afetar sua produção. Um deles é a falta de umidade e o outro é a ferrugem. A ferrugem pode ser perfeitamente evitada com pulverizações preventivas. No caso da falta de umidade, a solução pode ser encontrada com irrigação constante.

## TOMATE

Está chegando o prazo final para a semeadura do tomate, para que ainda se tenha tempo de fazer a colheita antes das primeiras geadas de inverno.

O cultivo do tomateiro no verão exige que as mudas sejam produzidas em copinhos ou saquinhos plásticos, para garantir o melhor pegamento na hora do transplante. A recomendação do Departamento Técnico é que se produza de 10 a 20 por cento a mais de mudas, do que o previsto para o plantio deixando-as na sementeira, e assim conseguir repor as mudas que são eliminadas por causa do ataque de doenças. A área com tomateiro deve ser mantida completa, para o melhor aproveitamento da água na hora da irrigação e dos medicamentos quando realizado tratamento contra as doenças.

Durante o verão deve-se cuidar muito a umidade do solo, sendo, portanto, mais adequada a irrigação por canais, que vai distribuindo a água pelas linhas, sem molhar diretamente as folhas.

## HORTA DOMÉSTICA PARA 5 PESSOAS

Repolho	12 m <sup>2</sup>	cultivado em 3 épocas	- 36m <sup>2</sup>
Couve	12 m <sup>2</sup>	cultivada em 2 épocas	- 24m <sup>2</sup>
Rabanete	4 m <sup>2</sup>	cultivado em 6 épocas	- 24m <sup>2</sup>
Tomate	10 m <sup>2</sup>	cultivado em 2 épocas	- 20m <sup>2</sup>
Pepino	10 plantas		- 25m <sup>2</sup>
Alface	12 m <sup>2</sup>	cultivado em 6 épocas	- 72 m <sup>2</sup>
Rúcula	6 m <sup>2</sup>	cultivado em 4 épocas	- 24 m <sup>2</sup>
Cenoura	18 m <sup>2</sup>	cultivado em 2 épocas	- 36 m <sup>2</sup>
Cebola	40 m <sup>2</sup>	cultivada em 1 época	- 40 m <sup>2</sup>
Condimentos	2 m <sup>2</sup>	cultivados em 2 épocas	- 4 m <sup>2</sup>

Total 119 m<sup>2</sup>

## HORTA SUGERIDA

Espécie	Variedade
Repolho	Matzukaze
Couve	Manteiga Geórgia
Rabanete	Red. vermelho, Saxa
Rúcula	Cultivada
Cenoura	Kuroda Nacional
Alface	Marav. de verão, Kograner
Beterraba	Tall Top Early Wonder
Tomate	Kada, Yokota
Pepino	Wisconsin

### 12,5 m NOVEMBRO/DEZEMBRO

Cenoura III	Tomate
Beterraba II	Tomate
Espinafre	Pousio
Couve II	Pepino
Repolho II	Pepino
Repolho III	Condimentos
6 m	6 m
4 m	Plantar: Pepino 2x1m - 10 plantas Abobrinha: 10 plantas

### 12,5 m DEZEMBRO/JANEIRO

Cenoura III	Tomate
Beterraba II	Tomate
Pousio	Rabanete
Couve II	Pepino
	Pepino
Repolho III	Condimentos
6 m	6 m
4 m	Pepino - Abobrinha

## Chuvas determinam novas resoluções para o trigo

A alta incidência de chuvas registradas no Paraná, vem causando sérios problemas à produção de sementes de trigo na safra atual. As doenças fúngicas que vêm atacando as sementes, têm ocasionado uma drástica redução da produtividade. A produção bruta, estimada em 7 milhões de sacos, poderá ser reduzida para menos da metade, caso os produtores não venham a tratar suas sementes com fungicidas recomendados. Para tentar minimizar os problemas, o Sub-Comitê Estadual de Sementes de Trigo do Paraná - CEST/PR, baixou a resolução n. 4/82, na qual constam o seguinte:

1º - Permitir o teste paralelo em sementes tratadas com fungicidas recomendados, para o fator germinação da semente, desde que os demais fatores mencionados aprovados em questão; 2º - Lembrar ao produtor encaminhadas ao Laboratório de Análise de Sementes - Oficial - LAS, ou Laboratório de Análise de Sementes - Particular - LASP, credenciado pela Comissão Estadual de Sementes e Mudas do Paraná - CESP/PR, a ser tratado com fungicidas; 3º - Determinar que a entidade certificadora ou o responsável técnico, de posse do resultado da análise completa da semente e o teste paralelo, emitam o certificado ou o atestado de garantia, respectivamente, das sementes que atingirem germinação igual ou superior a 80 por cento no teste paralelo; 4º - Determinar que os resultados de germinação obtidos na análise completa e no teste paralelo constem, obrigatoriamente, no certificado ou no atestado de garantia da semente produzida nesta safra; 5º - Determinar que na comercialização da semente aprovada em função do teste paralelo, conste na nota fiscal a germinação obtida nos dois testes (completa e paralelo) acrescido do lembrete: "al bem visível"; 6º - Determinar que conste, em lugar do teste paralelo e não tratada o seguinte: tratar com fungicidas; 7º - Solicitar aos produtores de sementes orientarem aos consumidores destas sementes quanto a necessidade do tratamento com fungicidas, entregando-lhe um termo de esclarecimento e tomando o seu "ciente"; 8º - Lembrar que poderão ser utilizados apenas os fungicidas registrados na DSV - MA e nas duasagens oficiais; 9º - Determinar que o LAS - supervisor, da Classe, emita a orientação necessária aos LASP credenciados pela CESP/PR.

## Só Rhodiauram resolve.

Se a ordem é usar fungicida para as sementes do trigo, use o melhor. Use Rhodiauram. A base de Thiram, Rhodiauram é o fungicida recomendado pelos órgãos técnicos e de pesquisa, oficiais e particulares, no controle das doenças fúngicas que vêm atacando as sementes, notadamente a Helminthosporiose. Rhodiauram age rapidamente,

desinfetando as sementes, e acaba com os fungos que afetam a germinação - *Fusarium*, *Helminthosporium*, *Alternaria* - e os que disseminam doenças na parte aérea - *Septoria*, *Helminthosporium*, *Tilletia* (Cárie). E o único que contém aditivo antipoeira, que protege as sementes

armazenadas por até 21 meses e, o que é mais importante, garante índices máximos de germinação. Abaixo, você tem resultados de análises de germinação feitos pela APASEM - Associação dos Produtores e Comerciantes de Sementes e Mudas do Paraná - que comprovam a eficiência de Rhodiauram.

Análise de Germinação de Sementes de Trigo (LASP-APASEM), Toledo, 23/11/82.

Variedade	Lote	Produtor	Sementes sem tratamento (%)	Sementes tratadas com Rhodiauram (%)
Anahuac	14619	APASEM	57	93
Anahuac	14620	APASEM	64	92
Anahuac	14621	APASEM	74	94
Anahuac	14622	APASEM	77	95
Anahuac	14623	APASEM	64	96
Anahuac	14624	APASEM	62	97
Anahuac	14625	APASEM	64	93
Anahuac	14626	APASEM	73	97
Anahuac	14627	APASEM	69	96
Anahuac	14628	APASEM	73	92
Anahuac	14629	APASEM	62	92
Anahuac	14630	APASEM	69	90
Anahuac	14631	APASEM	69	93
Anahuac	14632	APASEM	71	95
Anahuac	14633	APASEM	67	90
Anahuac	14634	APASEM	66	92
Anahuac	14635	APASEM	63	93
Cocoraque	14636	APASEM	64	93

OBS: Quebra de dormência com 3 dias frios.

Agora com Aditivo Antipoeira.



Use você também Rhodiauram. Já à venda em sua cooperativa ou revendedor.

**CND**

CNDA - Cia. Nacional de Defensivos Agrícolas  
Av. Maria Coelho de Aguiar, 215 - Bloco G - 1º andar  
CEP 05004 - Fone: 545-4315 - São Paulo - SP

Nome.....  
Onde trabalha..... Cargo.....  
Endereço.....  
Cidade.....  
CEP..... Estado.....  
Desejo receber boletim com informações técnicas do Rhodiauram.

# PREVIDÊNCIA É A LUTA PRIORITÁRIA

Foi por unanimidade que os dirigentes sindicais definiram a luta pela Previdência como meta prioritária e, baseados nas diversas mobilizações que vêm ocorrendo no Rio Grande do Sul há mais de dois anos, apresentaram propostas de como deve ficar a Previdência para o homem rural. Eles também planejaram a forma de encaminhar esta luta, que deverá receber adesões de outros estados brasileiros.

As reivindicações são aquelas já antigas, e pelas quais se vêm lutando há bastante tempo. Na área de assistência médico-hospitalar as decisões são as seguintes:

— Exigir o cumprimento da portaria 2576 (que eliminou a participação do agricultor no pagamento das despesas médico-hospitalares) e também dos convênios;

— Emissão de uma carteirinha de beneficiário, para assistência hospitalar em qualquer parte do país;

— Plantão médico nas 24 horas do dia e também em feriados e fins-de-semana;

— Assistência ginecológica e acompanhante às gestantes, como já existe para os beneficiários do INPS;

— Consultas e exames complementares gratuitos, igual aos serviços existentes no INPS;

Na área de benefícios (tudo aquilo que é pago em dinheiro) as reivindicações começam com a exigência de benefícios iguais aos do trabalhador urbano, com base em um maior salário mínimo do país, e inclusão da mulher na aposentadoria. As outras reivindicações são:

— Aposentadoria aos 50 anos de idade para a mulher e aos 55 anos para o homem, ou aos 30 anos de contribuição

para a mulher e aos 35 anos para o homem;

— Seguro de acidente do trabalho para a mulher e os jovens com mais de 12 anos;

— Pensão para inválidos de nascença ou a partir da época em que ocorreu a invalidez;

— Seja considerada a invalidez para a atividade rural.

## PROPOSTA DE CUSTEIO

Os dirigentes sindicais também formularam uma nova proposta de custeio, baseada nas inúmeras discussões sobre o assunto junto com os agricultores. Ela inclui, além de uma elevação no índice da contribuição indireta (descontada da produção comercializada), uma contribuição direta opcional. Neste ponto está a principal diferença entre esta proposta e um projeto anterior apresentado pelo Ministério da Previdência, que obrigava este desconto por parte de todos membros da família para ter direito à assistência. A proposta de custeio é a seguinte:

— Que continue a contribuição indireta de dois por cento, podendo ser elevada um pouco;

— Seja elevada de 05, por cento para um por cento a contribuição indireta para cobertura de acidente do trabalho (incluindo a mulher e o jovem);

— Que exista uma contribuição direta de oito ou 8,5 por cento do salário mínimo, de livre opção, além da contribuição indireta, para os que desejarem ter mais elevados os valores de seus benefícios (aposentadoria, acidente do trabalho, etc);

— Que sejam buscadas outras fontes de custeio, como taxações de supérfluos, de passagens, de remessa de lucros ao exterior, imposto de renda dos Bancos, re-

ursos do Finsocial e maior contribuição da União;

— Elevar a percentagem da contribuição da folha de pagamento dos trabalhadores urbanos;

## FORMAS DE LUTA

Estas reivindicações e proposta de custeio deverão ser levadas para discussão junto às bases, tentando deixá-las bem claras e também aperfeiçoá-las no que for preciso. Também foi resolvido realizar encontros, assembléias ou congressos à nível municipal durante os meses de março ou abril. Em abril deverão acontecer encontros a nível regional, com a participação de lideranças, para tirar um posicionamento comum das bases. Em 1º de maio deverá acontecer uma concentração a nível estadual, para misturar todos os posicionamentos e elaborar um projeto alternativo. Para o dia 25 de maio se pretende realizar um Congresso da Previdência, com a participação de todas as Federações de Trabalhadores na Agricultura e mais a Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura).

A organização de toda luta será baseada na formação de comissões, tanto a nível municipal como regional e estadual. Em alguns municípios estas comissões já estão formadas e começam a atuar na organização do movimento, e no Estado será ampliada a Comissão da Previdência, com a participação de um representante de cada Regional.

## POLÍTICA AGRÁRIA

Se a Previdência é luta prioritária, há também um outro assunto que deverá mobilizar os sindicatos. Foi resolvido durante o encontro de Viamão realizar um estudo profundo, com a participação do movimento sindical, para ver a possibilidade de modificação na atual estrutura

*A luta por uma Previdência Social mais justa será a prioridade do movimento sindical dos trabalhadores rurais durante o ano de 1983. A decisão foi tomada durante o Encontro de Dirigentes Sindicais Rurais, realizado em meados de dezembro passado no Seminário Maior de Viamão. Outras lutas, porém, também deverão merecer a atenção dos trabalhadores, como o enquadramento sindical e a questão da terra, isto através de um levantamento da estrutura fundiária em todo estado do Rio Grande do Sul.*

fundiária do estado. O que se pretende é fazer um amplo levantamento dos agricultores sem terra, dos com pouca terra, das terras dos latifundiários, das terras devolutas, das terras do Estado, das terras da União. Também foi decidido exigir do Governo a definição orçamentária dos recursos para crédito fundiário, em especial aos sem terra e aos com pouca terra, para fins de produção.

Outro levantamento programado para o ano de 1983 é o de custo de produção. Este trabalho deverá ser desenvolvido tanto a nível municipal, como regional e estadual, incluindo a discussão de um valor uniforme de mão-de-obra do produtor rural. Na área de política agrícola também se pretende estudar e orientar as bases a respeito do crédito rural.

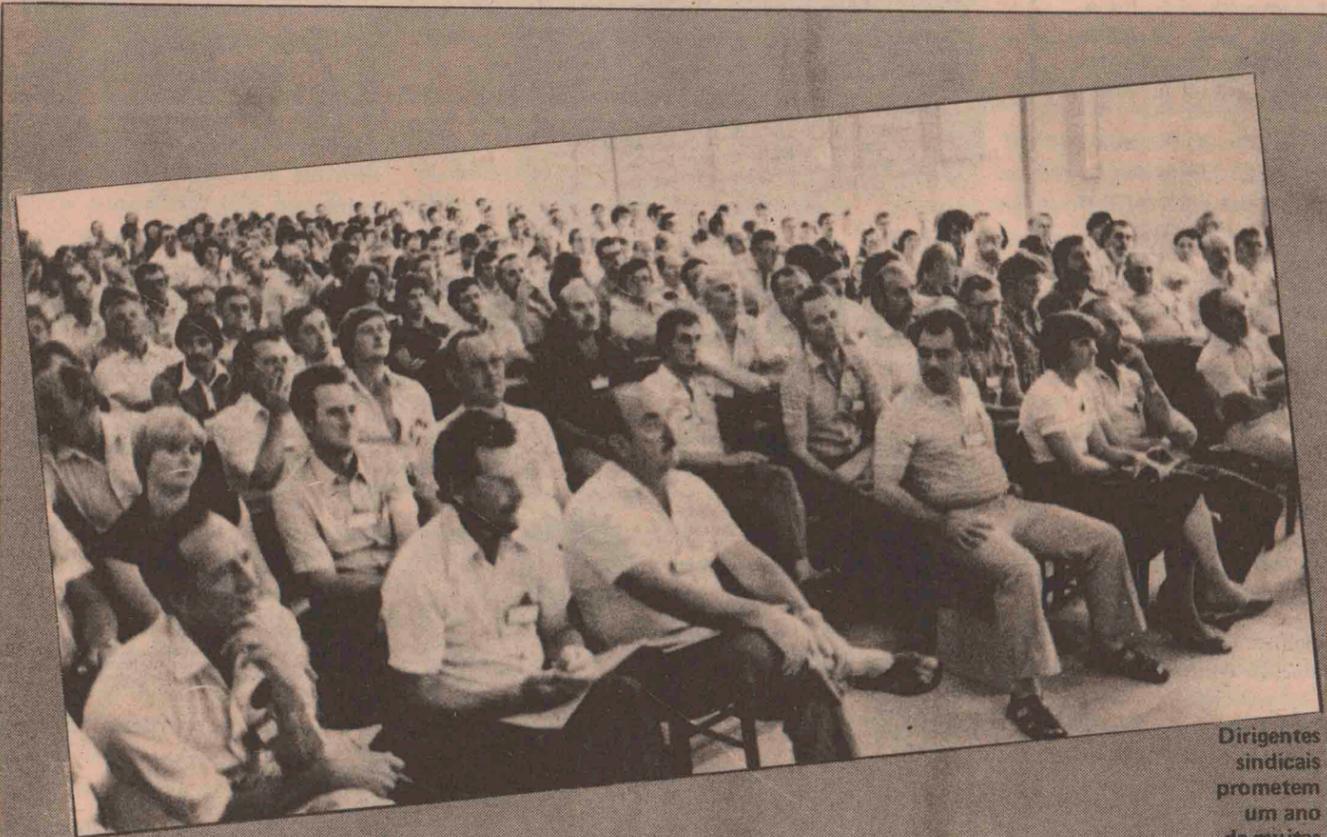
O cooperativismo também entrou na pauta das discussões, e os dirigentes sindicais decidiram realizar encontros regionais, de preparação a um encontro estadual, para estudo mais aprofundado da estrutura cooperativista.

## A questão da mulher

*A participação da mulher no movimento sindical foi o tema predominante de um grupo de 40 agricultoras que compareceram ao encontro estadual promovido pela Fetag. O grupo participou das discussões em plenário, mas se reuniu à parte para debater exatamente a questão da mulher do meio rural. Havia representantes de diversos municípios gaúchos, formando um grupo bem maior do que aquele presente no último encontro da Fetag, realizado em março do ano passado.*

*Numa análise crítica da situação da mulher trabalhadora rural, elas afirmam que "existe uma desvalorização do trabalho agrícola da mulher, não só por ela mesma, que deve despertar para isso, mas também social e economicamente o seu trabalho não é reconhecido. A mulher trabalhadora rural ainda não adquiriu direitos previdenciários. Falta hábito para as mulheres discutirem seus problemas e participarem ativamente das Entidades, que por sua vez dão pouco apoio e receptividade à organização feminina".*

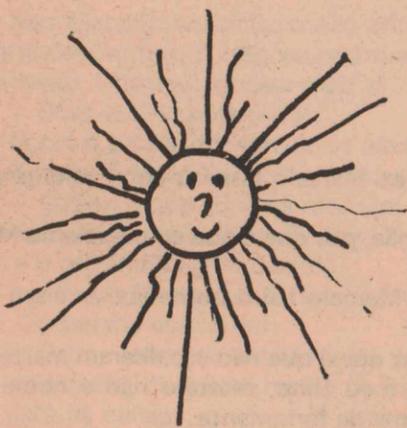
*As suas propostas de trabalho para 1983 foram aprovadas pelo grande plenário, formado também pelos dirigentes sindicais. O ponto fundamental fala da conscientização, organização e formação de líderes femininas, mas elas também pretendem participar das comissões municipais, das reuniões das Regionais de Sindicatos, promover encontros regionais para informar sobre as lutas do movimento sindical. Outra proposta foi a de sindicalização da mulher trabalhadora rural, e sua participação nas diretorias dos Sindicatos, buscando soluções para os problemas da classe.*



Dirigentes sindicais prometem um ano de muitas lutas



SUPLEMENTO INFANTIL  
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI



# BRINCANDO NAS FÉRIAS DE VERÃO



Brincar é gostoso.

Brincando a gente aprende a . . . brincar!

A gente pode aproveitar as férias para brincar correndo, pulando ou jogando com outras crianças.

A gente pode brincar de amarelinha, bolha de sabão, bolinha na parede. . . e muitas coisas mais.

Usando a "cuca" a gente pode inventar uma brincadeira.

Usando as mãos a gente pode construir brinquedos.

Usando os pés a gente pula, dança e corre. . .

E as palavras — como podemos usá-las como base para jogos, brincadeiras, rimas, histórias. . . ou será que elas ficam guardadinhas dentro dos livros?

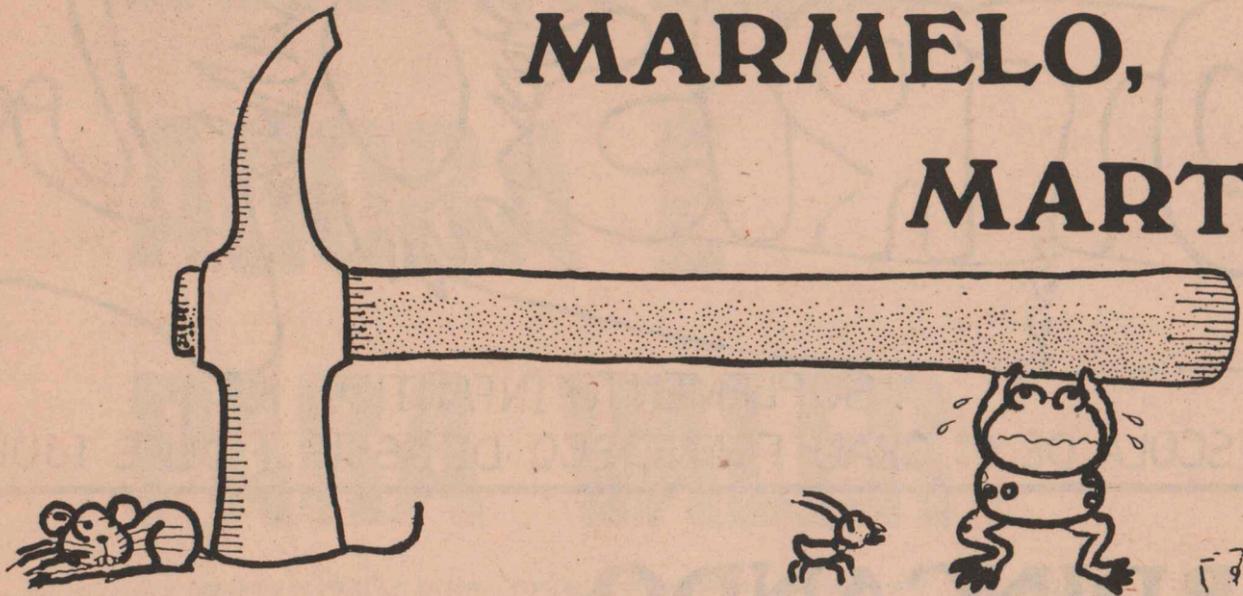
Eu pulo. . . você pula, o sapo pula, os bezerros pulam, sim, do jeito deles.

Nestas férias vamos brincar muito.

Brincando a gente cresce, aprende, se diverte e . . . nunca mais esquece.



# MARCELO, MARMELO, MARTELO



Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:

- Papai, por que é que a chuva cai?
- Mamãe, por que é que o mar não derrama?

- Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?

- As pessoas grandes às vezes respondiam. Às vezes, não sabiam como responder.
- Ah, Marcelo, sei lá. . .

Uma vez Marcelo cismou com o nome das coisas:

- Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?

- Ora Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos:

- E por que é que não escolheram martelo?  
- Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta. . .

- Por que é que não escolheram marmelo?  
- Porque marmelo é nome de fruta, menino!

- E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar Marmelo?

No dia seguinte, lá vinha ele outra vez:

- Papai, por que é que mesa chama mesa?

- Ah, Marcelo, vem do latim.

- Puxa, papai, do latim? E latim é língua de cachorro?

- Não, Marcelo, latim é uma língua muito antiga.

- E por que é que esse tal de latim não botou na mesa nome de cadeira, na cadeira nome de parede, e na parede de nome de bacalhau?

- Ai, meu Deus, este menino me deixa louco!

Daí a alguns dias, Marcelo estava jogando futebol com o pai:

- Sabe, papai, eu acho que o tal de latim botou nome errado nas coisas. Por exemplo, por que é que bola chama bola?

- Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?

- Lembra, sim, mas. . . e bolo?

- Bolo também é redondo, não é?

- Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado. . .

O pai de Marcelo ficou atrapalhado.

E Marcelo continuou pensando:

"Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo, devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim".

Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

- Mamãe, quer passar o mexedor?

- Mexedor? Que é isso?

- Mexedorzinho, de mexer café.

- Ah. . . colherinha, você quer dizer.

- Papai, me dá o suco de vaca?



— Que é isso, menino?  
 — Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.

— Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?

O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

— Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome porque, senão, ninguém se entende. . .

— Não acho papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?

— Deixe de dizer bobagens, menino! Que coisa mais feia!

— Está vendo como você entendeu, papai? Como é que você sabe que eu disse um nome feio?

O pai de Marcelo suspirou:

— Vá brincar, filho, tenho muito que fazer. . .

Mas Marcelo continuava não entendendo a história dos nomes. E resolveu continuar a falar, a sua moda. Chegava em casa e dizia:

— Bom solário para todos. . .

O pai e a mãe de Marcelo se olhavam e não diziam nada. E Marcelo continuava inventando:

— Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu e o possuidor ficou danado.

A mãe de Marcelo já estava ficando preocupada. Conversou com o pai:

— Sabe, João, eu estou muito preocupada com o Marcelo, com essa mania de inventar nomes para as coisas. . . Você já pensou, quando começarem as aulas? Esse menino vai dar trabalho. . .

— Que nada, Laura! Isso é uma fase que passa. Coisa de criança. . .

Mas estava custando a passar:

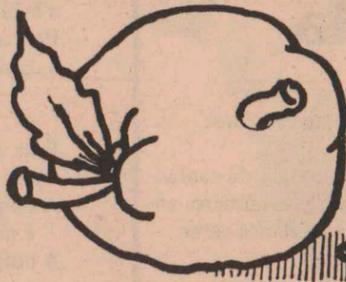
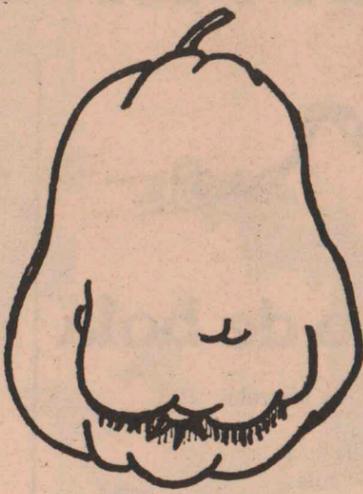
Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo só cumprimentava dizendo:

— Bom solário, bom lunário. . . — que era como ele chamava o dia e a noite.

E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.

Até que um dia. . .

O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha



uma linda casinha de madeira que Seu João tinha feito para ele. E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de Latildo.

E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo. Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade, e foi aquele desastre!

Marcelo entrou em casa correndo:

— Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!

— O quê, menino? Não estou entendendo nada!

— A moradeira, papai, embrasou. . .

— Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!

— Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada. . .

Quando seu João chegou a entender do que Marcelo estava falando, já era tarde.

A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas.

O Godofredo gania baixinho. . .

E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:

— Gente grande não entende nada de nada, mesmo!

Então a mãe do Marcelo olhou pro pai do Marcelo.

E o pai do Marcelo olhou pra mãe do Marcelo.

E o pai do Marcelo falou:

— Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova pro Latildo.

E a mãe do Marcelo disse:

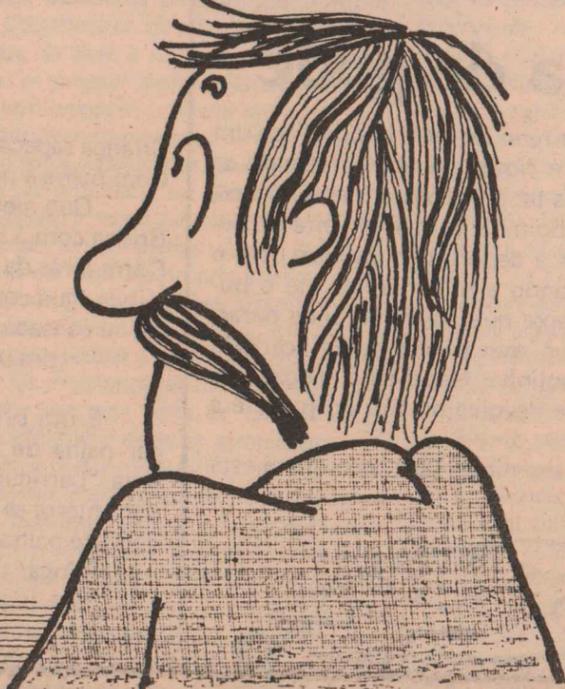
— É sim! Toda branquinha, com a entrada na frente e um corredor bem vermelhinho. . .

E agora, naquela família, todo mundo se entendia muito bem.

O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele, mas fazem força pra entender o que fala.

E nem estão se incomodando com o que as visitas pensam. . .

**BIRIQUITOTE!  
 XEFRA!**



## O que é, o que é?

- 1 — O que é feito para andar e não anda?  
Resposta: .....
- 2 — O que sempre aumenta e nunca diminui?  
Resposta: .....
- 3 — Sem entrar água, sem entrar vento, tem um poço com água dentro?  
Resposta: .....
- 4 — O que precisa da boca dos outros para se alimentar bem?  
Resposta: .....
- 5 — Qual o guarda que só usa uniforme preto?  
Resposta: .....

Respostas: 1 — A rua, 2 — A idade, 3 — O Côco, 4 — O dentista, 5 — O Guarda-Chuva

Colaboração de: Liziane Heuser, Canto do Ijuizinho, Augusto Pestana — RS

# JOGOS DIVERTIDOS



## Pula corda

### Individual

O brinquedo é simples: depois de dizer este versinho: Com quantos anos você vai se casar?

Após dizer este comecinho, é só ir pulando corda cantando de 1 até o número em que cansar ou errar. Esse número, então, é que dirá quantos anos ainda faltam para a criança casar.

### Em Grupo

Com uma corda maior, duas crianças ficam torneando e uma ou mais pulam, podendo entrar quando a corda for torneada ou começar com a corda no chão. Também tem um versinho cantado. O ritmo dos pulos, é assim:

Ai, ai quem tem saudades de alguém, do cravo, da rosa de quem eu quero bem.

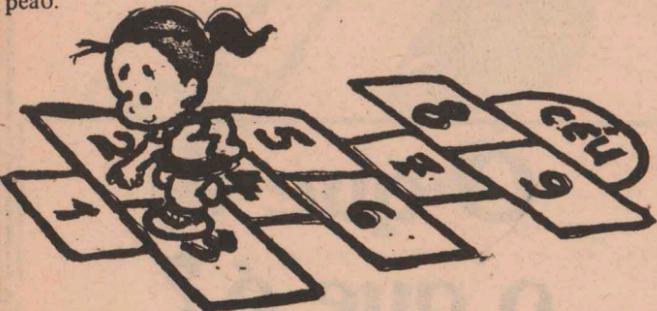
A, E, I, Ó, RUA.

## Amarelinha

Pular amarelinha é legal.

Primeiro marca-se a amarelinha com giz no chão. O jogo é feito por quadros, começando pelo número 1 e indo até o 10. Os números 1, 4, 7 e 10 ficam em quadrados sozinhos, 2 e 3 ficam juntos, assim como 5 e 6; 8 e 9. Depois do 10, fica o céu.

A seguir arranja-se uma pedrinha. De pé, na entrada do jogo (antes do 1), joga a pedrinha no primeiro quadro e vai pulando num pé só nos números separados e com os dois nos que estão juntos, tendo o cuidado de não pisar nas linhas nem de colocar o pé no quadrado onde está a pedrinha. Assim vai do começo até o céu e volta. Na volta, pega a pedrinha. Depois é a vez do colega. Na segunda vez, joga-se a pedra no número seguinte ao da primeira jogada. Quem chega até o 10 sem errar será o campeão.



## Jogo de bola

Cecília Meireles

A bela bola rola:

a bela bola do Raul.  
Bola amarela,  
a da Arabela.

A do Raul,  
azul.

Rola a amarela  
e pula a azul.

A bola é mole,  
é mole e rola.

A bola é bela,  
é bela e pula.

É bela, rola e pula,  
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,  
e a de Arabela é de Raul.

## Bolinha na parede

Usando uma bola, que pode ser feita com uma meia usada, recheada com retalhos ou serragem, a criança se coloca diante de um paredão e joga a bola contra ela. No rebate, ela deve pegar a bola cumprindo o que diz uma musiquinha que vai sendo cantada, fazendo os gestos indicados.

A música é esta: Ordem, Seu lugar, Sem sorrir, Sem falar, Um pé, O outro, Uma mão, A outra, Bate palmas, Piruetas, Quedas.

Ordem significa, começar; seu lugar, ficar parado; sem sorrir, não poder nem olhar para os colegas; sem falar, não poder dizer essas palavras; um pé, equilibrar-se num só pé; o outro, equilibrar-se no outro; uma mão, pegar a bola na volta da parede só com uma mão; a outra, pegá-la com a outra mão; e etc. . . acabando com o quedas, que é bater nos joelhos com as duas mãos antes de receber a bola de volta.

## Bola de gude

Num terreno de terra batida, faça um buraquinho e fique em volta, jogando as bolinhas para tentar encaixar nesse buraco. Para jogar a bolinha, primeiro ajeite no dedo indicador e depois dê o impulso com o polegar. Quando a bola não vai até o buraquinho, deixe que ela fique onde parar. O colega que vem depois tenta acertá-la com a sua bolinha. Nesse caso ele ganha a bolinha (que devolve no fim do jogo) e a partida.

Este é um modo fácil para quem está começando.



## Bolhas

Cecília Meireles

Olha a bolha d'água  
no galho!

Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho  
na rolha!

Olha a bolha!

Olha a bolha na mão  
que trabalha

Olha a bolha de sabão  
na ponta da palha:

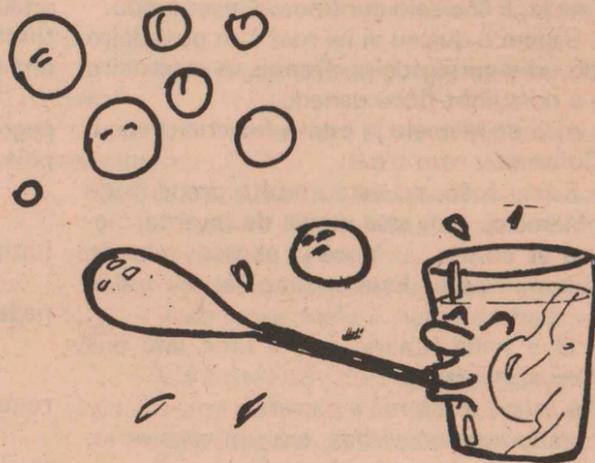
brilha, espelha  
e se espalha.

Olha a bolha!

Olha a bolha  
que molha

a mão do menino.

A bolha da chuva da calha!



## Bolha de sabão

Fazer bolha de sabão é fácil. Basta misturar água num copo com um pouco de sabão em pó, até levantar a espuma. Depois de mergulhar nessa mistura um canudinho de palha, pode ser também de plástico ou o caule de folha de mamoeiro ou de abóbora, é só ir soprando devagar por dentro dele até sair a bolha.

Se tiver vento ela sobe longe para o céu.

Mas. . . cuidado para não chupar o líquido e engolir sabão. Sabão arde na boca.

## Peteca

Noeli Weschenfelder

Criança sapeca

Com palha e penas faz peteca

Que meleca

Brinca com a boneca e a marreca

Corre atrás da perereca

e joga água com a caneca

e cansada

tira uma soneca.

É um brinquedo fácil de fazer e jogar. Basta pegar palha de milho, penas de galinha e areia. Faz-se uma "barriguinha" com as palhas e areia. Para terminar amarra-se bem forte a "barriguinha" com um pedaço de palha, deixando as penas levantadas.

E jogar também não é difícil.

Para jogar bate-se na "barriguinha" com a mão, jogando a peteca para o amigo, que deve rebater.